



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE**

CATARINA DE SENNA DE ALMEIDA BORBA ELOY DANTAS

**O MUNDO FEMININO CHINÊS: HISTÓRIA, CULTURA E TRADIÇÃO NA OBRA
SNOW FLOWER AND THE SECRET FAN da escritora Lisa See**

**CAMPINA GRANDE
2016**

CATARINA DE SENNA DE ALMEIDA BORBA ELOY DANTAS

O MUNDO FEMININO CHINÊS: HISTÓRIA, CULTURA E TRADIÇÃO NA OBRA *SNOW FLOWER AND THE SECRET FAN* da escritora Lisa See

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Culturais, na linha de pesquisa Literatura Comparada e Intermidialidade, em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Mestre.

ORIENTADORA: Prof.^a. Dr.^a. Sudha Swarnakar

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D192h Dantas, Catarina de Senna de Almeida Borba Eloy.
História, cultura e tradição na obra Snow flower an the
secret fan da escritora Lisa See [manuscrito] / Catarina de
Senna de Almeida Borba Eloy Dantas. - 2019.
95 p. : il. colorido.
Digitado.
Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Sudha Swarnakar , Departamento
de Letras e Artes - CEDUC."
1. História chinesa e costumes. 2. Foot-binding. 3. Nu-shu.
4. Laotong. I. Título

21. ed. CDD 801.95

CATARINA DE SENNA DE ALMEIDA BORBA ELOY DANTAS

O MUNDO FEMININO CHINÊS: HISTÓRIA, CULTURA E TRADIÇÃO NA OBRA
SNOW FLOWER AND THE SECRET FAN

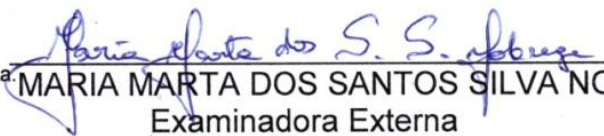
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Culturais, na linha de pesquisa Literatura Comparada e Intermidialidade, em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Mestre.


Aprovada em 06 / 10 / 16

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. SUDHA SWARNAKAR Ph.D.
Orientadora


Prof^a. Dr^a. MARIA MARTA DOS SANTOS SILVA NOBREGA
Examinadora Externa


Prof^a. Dr^a. ROSANGELA MARIA SOARES DE QUEIROZ
Examinadora Interna

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, que fez, faz e fará em mim maravilhas.

AGRADECIMENTOS

Como de praxe na vida de tantos cristãos, agradeço a Deus, ao Senhor Jesus Cristo que na sua infinita bondade, amparou-me durante todo esse período e que não deixou de me amparar nos meus muitos sentir, em tudo que passei em meio a devires que a vida sempre nos impõe. Incondicionalmente agradeço-Lhe, grande Deus!

Agradeço a minha família, especialmente aos meus filhos, por todo o apoio e incentivo para que está etapa pudesse ser cumprida, obrigada aos meus amigos e irmãos que me acompanham desde o período da graduação (Camilla, Dione, Paulo, Flávinha e Luciano). Meu obrigado a Nathalia Sátiro, que sempre me mata de orgulho e tantos outros amigos que torceram por mim.

Preciso te agradecer tanto, Elaine... mas como? Não poderia deixa de te agradecer, pelo seu apoio, pelas palavras de conforto, pelas partilhas de vida, por todo o tempo dedicado a minha pessoa, me mostrando sempre que eu não preciso ser, nem estar, a mesma pessoa, ainda que as situações sejam parecidas. Obrigada por me lembrar de que eu posso mudar sempre e que nunca é tarde demais para mudanças.

À minha orientadora Sudha Swarnakar, todo o meu respeito, admiração (gostaria muito que tivéssemos vivido na mesma época de Lírio e Flor da Neve e que tivestes sido minha *Laotong*). Agradeço de forma incondicional e por mais que eu escreva será pouco para expressar a gratidão que devo à senhora. Obrigado professora, ao longo dessa pesquisa eu aprendi muito mais que fazer uma pesquisa. Aprendi a ser um pouco mais humana frente a sua sabedoria de se conduzir pelo tempo, de saber esperar, de cultivar a memória, de corrigir quando necessário, de ouvir o outro e de falar sempre o que pensa.

Agradeço de forma geral ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), pela estrutura à disposição dos discentes e a todos os seus professores pelo empenho em prol dos alunos. Agradeço também à banca examinadora pelas contribuições dadas. Muito obrigado a todos, muito feliz e grata por todo o conhecimento adquirido e os estudos desenvolvidos.

Muito obrigada, enfim, àqueles que de toda e qualquer forma influenciaram na minha formação e que contribuíram para a conclusão desta pesquisa.

RESUMO

O objetivo principal desta dissertação foi ver como a literatura reflete e está incorporada na história e na cultura de um país. Para atingir nosso objetivo, selecionamos e analisamos o romance da autora americana Lisa See, *Snow Flower e The Secret Fan* (2005), no seu contexto histórico e cultural. Uma comparação detalhada dos aspectos sociais e culturais da história chinesa e da tradição chinesa com sua articulação fictícia por See no romance mostra que Lisa See não distorce a história. O estudo também afirma que um texto literário não é simplesmente um documento histórico, mas também um document literário e pode ser construído no cenário moderno com uma visão moderna. As premissas teóricas de estudos comparativos e de gênero seguem críticas do leste e oeste como , Antonio Candido, Ladelle McWhorter. Dorothy Ko, Sandra Bartky, Yan Ming, Fan Qui e outros. Como um comentário conclusivo, podemos dizer que, observando as raízes históricas da tradição milenar chinesa e sua cultura, o romance de See reflete e reconstrói os costumes e certas práticas que as mulheres chinesas seguiam para preservar sua beleza ou para manter seu mundo secreto longe do olhar ou critica masculina como o *nu-shu*, *laotong* e a *foot binding*.

Palavras-chave: História chinesa e costumes, Lisa See, *foot-binding*, *nu-shu*, *laotong*.

ABSTRACT

The main objective of this dissertation has been to see how literature reflects and is embedded in the history and culture of a country. To achieve our goal, we select and analyze the novel *Snow Flower and the Secret Fan* (2005) by the American author Lisa See's in its historical and cultural context. A detailed comparison of the social and cultural aspects of Chinese history and the Chinese tradition with their fictional articulation, by See in the novel, shows that See does not distort the history. It also affirms that a literary text is not simply a historical document, but a literary one as well and can be built in the modern scenario with a modern vision. The theoretical premises of comparative and gender studies follows critics both from east and west such as, Antonio Candido, Ladelle McWhorter. Dorothy Ko, Sandra Bartky, Yan Ming, Fan Qui, and others. As a conclusive comment we can affirm that, looking at the historical roots of the millennial Chinese culture and tradition See's novel reflects and reconstructs the customs and certain practices followed by Chinese women, either to preserve their beauty or to keep their secret world distant from male gaze such as the *foot binding*, *nu-shu* and *laotong*.

Key Words: woman, Chinese history and customs, Lisa See, *foot binding*, *nu-shu*, *laotong*

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

IMAGEM 1.....	57
IMAGEM 2.....	95
IMAGEM 3.....	95
IMAGEM 4.....	96
IMAGEM 5.....	96
IMAGEM 6.....	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I HISTÓRIA CHINESA E SUAS PRÁTICAS SOCIAIS.....	17
1.1. A ESTRUTURA FAMILIAR PATRIARCAL E O CASAMENTO.....	19
1.1.1. A construção do sócio cultural chinês: sociedade e estrutura familiar Patriarcal.....	19
1.1.2. O mundo masculino e o mundo feminino: segregação, uma prática comum da cultura chinesa.....	21
1.1.3. O homem como dono do mundo externo e a mulher no comando do mundo interno.....	24
1.1.4. A intervenção política: conflito entre política e cultura.....	26
1.1.5. Os costumes estranhos e o corpo feminino.....	27
1.2. O LAOTONG: AMIZADE ESPECIAL ENTRE MULHERES COM AVAL SOCIAL.....	28
1.3. O “ <i>NU SHU</i> ”.....	31
1.3.1. A escrita feminina chinesa “ <i>Nu Shu</i> ”.....	31
1.3.2. A história do “ <i>Nu Shu</i> ”	35
1.3.3. A natureza e prática do “ <i>Nu Shu</i> ”.....	38
1.3.4. O “ <i>Nu Shu</i> ” na literatura e na crítica feminina.....	39
1.4. O “ <i>FOOTBINDING</i> ”.....	40
1.4.1. A relação entre padrão de beleza e o casamento.....	40
1.4.2. A história e prática de <i>footbinding</i>	42
1.4.3. O “ <i>Footbinding</i> ” – um acontecimento social como padrão de beleza e bom casamento.....	48
CAPÍTULO II <i>SNOW FLOWER AND THE SECRET FAN</i>: UM MERGULHO NO MUNDO FICCIONAL E OS COSTUMES FEMININOS CHINESES.....	50
2.1. O LAR DE FLOR DA NEVE: O QUARTO FEMININO, RELAÇÃO DE RESPEITO E LIBERDADE.....	50
2.1.2. O companheirismo: Relacionamento laotang entre mulheres e o papel da família.....	51

2.1.3. O lar de Lírio como um campo de batalha: a questão da classe social e machismo.....	53
2.2. O COMPANHEIRISMO ATRAVÉS DO RELACIONAMENTO “LAOTONG”	55
2.3. <i>NU SHU</i> - A ESCRITA FEMININA: COMO UM MEIO DE COMUNICAÇÃO ENTRE AS DUAS MENINAS.....	60
2.3.1. A escrita feminina <i>Nu Shu</i>: Um meio de comunicação entre meninas Flor da Neve e Lírio.....	66
2.3.2. Os temas abordados no <i>Nu Shu</i> pelas personagens femininas Flor da Neve e Lírio: o desabafo.....	68
2.4. - PODER Matriarcal e <i>FOOTBINDING</i>	69
2.4.1. <i>Footbinding</i>: uma prática cultural.....	74
2.4.2. A tradição e o ritual de “Footbinding”.....	80
2.4.3. Preparação para o amor e a alegria em caminhos de dor e tristeza.....	81
2.4.4. Higiene e falta de tratamento para feridas.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	90
ANEXO.....	92

INTRODUÇÃO

A Literatura, como outras artes narrativas, tenta buscar ou representar os aspectos culturais e a história do país onde ela está enraizada. Nesse contexto, o estudo dessa transposição de linguagens faz com que se considere a necessidade de comparar e olhar com atenção para as leituras que possibilitam uma interpretação específica dentro da história de um determinado país e seu ambiente para ter uma boa compreensão, especificamente quando se trata da literatura estrangeira.

Iniciamos esta pesquisa com ideia de comparar o filme homônimo, de Wayne Wang, de 2011, com a obra *Snow Flower and the Secret Fan*, de Lisa See, mas para concluir a tese dentro do prazo, optamos por nos concentrarmos na questão da cultura e sociedade na história e sua abordagem ficcional na obra por Lisa See. Achamos mais interessante estudar sua obra no seu contexto sociocultural e histórico. Com estas modificações, a nossa pesquisa dirigiu-se para um estudo comparativo entre o romance e a história cultural da China.

Estudo esse, que ocorrerá através de um processo de análise, com a ajuda da crítica feminista chinesa e os críticos da literatura, implica na busca da compreensão de como a obra literária consegue retratar a cultura chinesa e os costumes referentes à mulher chinesa, como o contrato de amizade “Laotong”, a escrita secreta feminina mais conhecida como *Nu Shu* e a prática de “Footbinding” que são os temas principais abordados pela Lisa See.¹ Como veremos mais adiante, o próprio título da obra nos remete para estes temas.

Minha iniciação para o mundo literário das autoras asiáticas foi durante o curso da graduação quando comecei a trabalhar como bolsista do PIBIC, no projeto orientado pela professora Sudha Swarnakar, minha atual orientadora. Essas leituras das obras; indianas, chinesas e japonesas, embutidas na história e na cultura oriental me fascinaram. Foi à descoberta de uma cultura de forma diferente pelo olhar dessas escritoras que abriram um novo mundo, um sociocultural e as práticas e costumes novos que até então não tinha conhecimento.

Nossas conversas sobre esses temas, a formação e o conhecimento da minha orientadora sobre o mundo asiático, chinês e indiano, aproximaram-me mais

¹ Por questão de proximidade com o contexto sociocultural, em todo o nosso trabalho o termo usado em Inglês “Footbinding” será usado para evitar qualquer conotação cultural brasileira.

destas obras que, no seu bojo, tinham uma imensidade de surpresas desconhecidas por nós ocidentais. Depois de primeiras leituras e término de relatório do PIBIC, tive interesse em trabalhar com essas autoras e decidimos dedicar meu estudo para a obra de Lisa See para construção do meu TCC. Com a conclusão do TCC surgiram novas ideias e decidi continuar minha pesquisa com a mesma obra. Minha entrada no mestrado abriu portas e me deu segurança para continuar com minha pesquisa. Partindo da relação entre a história e a literatura, a escolha da obra *Snow Flower and The Secret Fan* (2006) da autora americana Lisa See pareceu nos bem pertinente.

Durante o levantamento bibliográfico e aprofundamento sobre a cultura milenar chinesa, tomamos conhecimento através de notícias jornalísticas sobre uma exibição de fotos, produzidas por Jo Farrel (2015), uma fotógrafa inglesa, que apresentou ao público um trabalho exclusivo através de uma exposição fotográfica feita com uma coletânea de fotos das poucas mulheres chinesas vivas que tinham sido submetidas às práticas de “*footbinding*” na China.

Farrel foi atrás das remanescentes deste costume cultural, hoje mulheres que têm entre 80 e 90 anos. Ao todo, ela entrevistou e fotografou 50 idosas nas províncias de Shandong, Yunnan e Shanxi. Algumas dessas senhoras morreram nos últimos anos após serem entrevistadas pela fotógrafa. Os pés dessas senhoras, como mostra o projeto “Living History: Bound Feet Women of China” (História viva: Mulheres dos pés atados na China, na tradução livre), foram completamente desconfigurados, dedos foram quebrados e ligamentos rompidos (Ver as fotos em anexo). Este trabalho fotográfico foi desenvolvido durante oito anos de pesquisa.

A renomada fotógrafa Farrell documenta e celebra a vida das últimas mulheres chinesas remanescentes com *Footbinding* e apresenta fotografias de 50 mulheres que vivem na província da Shandong, parte central da China. Conforme declaração da autora, seu projeto seria de grande utilidade: “[...] quando completo seu projeto, seria uma ajuda útil para estudos antropológicos, e poderia ser usado para ser exibido em museus.” (Tradução nossa) `

Ao olhar para as fotos sobre a tradição chinesa e ao ler a obra, é impossível não sentir a dor, tortura e violência às quais essas mulheres foram submetidas. Como Mehghan Young (2014) observa: “Olhando para essas imagens é muito difícil

não compará-las a uma forma de tortura e abuso infantil”². Mas há outro lado da história que é contada por Jo Farrell. Ela declara que depois de ver a exibição das fotos dessas mulheres com “*Footbinding*” alguém escreveu:

[...] não há nada para se orgulhar com o *footbinding*. Por que iríamos querer documentar isso? Eu respondi, "Pense na decepção de que ninguém está orgulhoso de você, mesmo depois de tudo que você já enfrentou. Por que não virar a mesa e ser lembrada por ser forte e maravilhosa?"³.

Uma crítica de cinema Lucy Crosseley observa:

O trabalho de Farrell sobre o “Foot binding” é original, no sentido de que ela não foca no bizarro ou no bárbaro, mas em vez disso procura dar dignidade a essas mulheres, agora idosas, que viveram vidas difíceis. Elas trabalharam nos campos, sobreviveram à Revolução Cultural e muitas tiveram nove ou dez filhos - tudo isso enquanto mancavam ao redor de seus calcanhares, com os pés quebrados calçados em sapatos com Veja no rodapé tamanho de 10 cm.⁴

Achamos que este aspecto destacado por Farrel e seu olhar diferente do nosso, nos tocou fortemente, porque ela nos fez pensar de uma maneira diferente e mudou a nossa atitude e opinião em relação à prática do “*Footbinding*” e nos levou a olhar com outros olhos para este aspecto. A fala dela nos ajudou a ver que este costume não deve ser visto apenas só pelo lado barbárico ou como uma prática de discriminação de gênero (o que não é como vamos ver mais adiante, principalmente porque quem a segue e pratica toda a tortura como um ritual sagrado é a mãe ou as mulheres mais velhas da casa).

Limitar nossa leitura vendo o costume, somente, como um ato de violência ou de tortura, como foi nossa primeira impressão, depois de ler o romance, ocasionaria um grande erro de interpretação, fora do contexto histórico. Neste ponto, sentimos imensa satisfação com o levantamento bibliográfico, que nos conduziu para as mais diversas fontes. Dentre elas, Farrell foi a mais importante, porque ela nos levou a ver a obra com outro olhar e nos ajudou a tentar entender esse processo como uma

² “looking at these images, it is hard not to liken it to a form of child abuse and torture.”

³ [...] there is nothing to be proud of with foot-binding. Why would we want to document this? I replied, “Think of the stigma that no one is proud of you, even after everything you have been through. Why not turn the tables and be remembered for being strong and wonderful?” Mehghan Young (2014).

⁴ Farrell’s work is unique on foot binding in a sense that “it doesn’t focus on the bizarre or the barbaric, but instead seeks to give dignity to these now elderly women who have lived hard lives. They toiled in the fields, survived the Cultural Revolution and many had nine or 10 children – all while hobbling around on their heels, their broken feet squashed into 10cm shoes.” Lucy Crosseley’s Review of Joe Farrell’s collection published in Daily Mail, Thursday April 2nd 2015.

prática cultural adotada pela mulher chinesa para ajudar futuramente sua filha a ser aceitável, de acordo com as normas sociais ou culturais vigentes na época e que era vista por elas, como algo absolutamente normal e não somente como um ato de violência. Também não podemos negar que essa prática foi adotada por mulheres chinesas como hoje em dia fazem as mulheres modernas, livres e independentes, que escolhem outros meios como as cirurgias plásticas ou os mais variados procedimentos estéticos para se enquadrarem nos padrões de beleza vigentes, buscando deste modo, atingir um padrão de beleza exigido pela sociedade atual.

Percebemos que o contato com as novas culturas e costumes muitas vezes causam impactos negativos sobre um determinado povo ou raça. Diante disso, surgem vários questionamentos no que diz respeito aos costumes, a cultura e a forma como os mesmos são praticados numa sociedade específica.

O fato de o corpo feminino apresentar marcas culturais ao longo dos tempos é notório e presente não só na cultura chinesa mais também em várias outras culturas que não podem deixar de ser citadas aqui como a tradição do uso de pulseiras pelas mulheres em algumas regiões da Índia para terem os braços bem formados ou as famosas mulheres girafas da África que são obrigadas a usarem várias argolas no pescoço para ter o pescoço mais fino, longo e estreito.

Tudo isto se deve ao fato de que, as mulheres que possuem estas marcas culturais, são mais bem vistas pela sociedade na qual estão inseridas e por que não se dizer, passam também a ser mais apreciadas pelo sexo oposto, passando a ter a chance de conseguirem ao atingirem a idade adequada, um bom casamento futuro, por estarem enquadradas dentro dos padrões de beleza impostos pela sua sociedade. Neste contexto, estudamos e analisamos essa obra de See e podemos afirmar que o papel de uma determinada obra literária, é exercer sua função como documento ou registro da história cultural e dos costumes de uma sociedade específica.

O motivo que nos levou para essa pesquisa foi ler e averiguar os aspectos culturais presentes na obra literária, uma vez que também tínhamos interesse em saber de que modo o corpo feminino apresentava e comportava-se diante das marcas culturais na obra literária em análise.

Este trabalho se torna relevante por traçar um perfil dos aspectos culturais de um país, no caso aqui presente da China, com a sua cultura milenar por intermédio da obra literária *Snow Flower and The Secret Fan* (2006), uma vez que a obra

apresenta não só a questão cultural de um modo geral, mas especificamente a forma como o corpo feminino era tratado na cultura chinesa, até o início da revolução cultural perpetrada pelo líder Mao Tsé-Tung no ano de 1966, um período de transformações políticas e sociais que durou 10 anos e mudou concepções e formas de pensar do povo chinês, assim como aborda práticas sociais restritas a cultura chinesa como a escrita feminina secreta em *Nu Shu*, o voto de amizade Laotong.

O trabalho ainda nos possibilita construir uma ponte entre a ficção e a realidade e mostrar a importância da literatura para a reflexão sobre as características históricas e culturais de um povo. Partimos, então, do pressuposto conhecido normalmente na civilização ocidental, onde se propaga uma igualdade de direitos e deveres entre pessoas do sexo masculino e feminino.

Examinamos as questões propostas, efetuamos uma análise pormenorizada dos costumes chineses e suas tradições, especialmente aqueles a que eram submetidas às pessoas do sexo feminino e verificamos a desigualdade reinante que predominava no seio das famílias patriarcais chinesas, as quais tratavam as mulheres como um objeto, mutilando parte dos seus membros inferiores para torná-los semelhantes à flor de lótus.

Em segundo lugar, talvez a inovação mais marcante desta dissertação seja uma teorização dos corpos, produzidos pelo progresso histórico e, simultaneamente, marginalizadas por ela, corpos sem vozes, aprisionados nas alças do tempo que transcorria. A historiadora Dorothy Ko engenhosamente prestou atenção a estes corpos destas mulheres de modo muito particular, no meio de mudanças temporais agressivas, aqueles possuídos por mulheres que resistiram teimosamente ao discurso do progresso e se recusaram a cumprir por causa de sua crença nas realizações da feminilidade através a prática de *Footbinding*. Dorothy Ko desafiou estes paradigmas existentes e escreveu uma história revisionista, que explicou como a dor cria significados para a feminilidade.

Sendo uma pesquisa de natureza qualitativa, a metodologia usada foi a da interpretação de um fenômeno, de tal modo que se conseguiu, através de uma bibliografia específica, atingir os objetivos propostos. Em relação às técnicas e instrumentos de coleta de dados, esta pesquisa tem um caráter bibliográfico, ou seja, está fundamentada, principalmente na obra, nos documentos históricos e nos textos literários, jornalísticos e críticos que abordam a questão do sociocultural

chinês e a figura feminina, vista, por sua vez, pela perspectiva da teoria comparada, dos estudos de gênero e dos estudos culturais.

Para desenvolvê-la, dividimos nosso trabalho, além da Introdução e conclusão, em duas partes. Na primeira parte, apresentamos o contexto sociocultural chinês, com suas particularidades voltadas para a figura feminina e suas práticas sociais. A discussão, na segunda parte, com a análise da obra, mostra como a literatura apresenta estes costumes em pleno século XX, considerando o fato de que o texto literário não é simplesmente um documento histórico, mas um documento literário construído no período moderno com uma visão moderna.

Na segunda parte, primeiramente apresento a autora e um breve resumo da obra para que o leitor brasileiro possa conhecer a autora e entender o porquê da sua relação com a obra. Também fizemos um passeio pela obra ficcional, passando pelos principais costumes femininos chineses da época. Especularemos a estrutura familiar e suas diferenças de classe, mergulharemos nos encantos da escrita secreta feminina feita em *Nu Shu*, utilizada como um meio de expor as diferenças entre as classes sociais e o socioeconômico, até chegarmos à prática chinesa do *footbinding*, visto pela sociedade como um acontecimento normal na vida dessas mulheres, assim como também tomaremos conhecimento das regras que regiam o contrato de amizade Laotong entre as meninas.

Deste modo, na primeira parte, apresentamos esses costumes como "fatos", na segunda parte veremos estes fatos como "ficção", a estrutura familiar e suas diferenças de classe, mergulharemos nos encantos da escrita secreta feminina, feita em *Nu Shu*, utilizada como um meio de expor as diferenças entre as classes sociais e o sócio econômico, até chegarmos à prática chinesa do *footbinding*. Para obtermos nosso objetivo principal, que se concentra no universo feminino e na história, cultura e tradição chinesa, utilizamos da narrativa ficcional de Lisa See, e outras obras que possam orientar o desenvolvimento da pesquisa; e a redação final do texto.

No que tange à fortuna crítica, alguns nomes despontam com mais destaque, tais como: Antonio Cândido, Ladelle McWorther, Dorothy Ko, dentre outros. Cremos que nossa pesquisa, cujo foco reside na história e na cultura chinesa, apresentará aos leitores um novo campo de pesquisa e possibilitará uma nova visão, no que diz respeito à forma como os costumes culturais são praticados no mundo feminino chinês.

A dissertação foi dividida em duas partes. Na primeira parte ou Capítulo I, foi feito um breve levantamento histórico no qual, procuramos dar visibilidade aos costumes e tradições que são historicamente ligados a família chinesa e especificamente com certos costumes praticados no mundo feminino chinês desde séculos e que tornam a China um país tão interessante para o mundo ocidental. Tentamos resgatar os costumes como *Nu Shu*, *Laotong* e *Footbinding* dentro da história chinesa, sua sociedade patriarcal/matriarcal e a interferência política. Na segunda parte ou Capítulo II lançamos nosso olhar crítico para a obra de Lisa See *Snow Flower and the Secret Fan* (2015) para entendermos como a escritora costura o contexto histórico, os costumes e práticas ligados a mulher chinesa no estilo ficcional para mostrar o mundo fascinante e desconhecido de Lisa See que apresenta sua sociedade e sua cultura totalmente desconhecida por nós, ocidentais. Os subtemas numa sintonia seguem o primeiro capítulo. Para preservar sua intimidade e seu mundo secreto See retrata as práticas de relacionamento *laotong*, *nu-shu* e o *footbinding*. Com este trabalho de pesquisa tentamos mostrar como o percurso histórico cultural da China, reflete-se na obra de Lisa See através da sua descrição e construção dos personagens masculinos e femininos, às vezes condicionando o seu comportamento, às vezes levando-as a subvertê-lo, para sobreviver.

CAPÍTULO I

HISTÓRIA CHINESA E SUAS PRÁTICAS SOCIAIS

Os estudos históricos vêm passando por consideráveis transformações desde a II guerra mundial e vem recebendo um lugar de destaque no que diz respeito ao fato de contribuir com o processo interpretativo das diversas realidades sociais e na investigação de fatos passados. Assim, é necessário evidenciarmos o estatuto do texto histórico. Para Pesavento:

[...] a História é uma espécie de ficção, ela é uma ficção controlada, e, sobretudo pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado. [...] A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado (PESAVENTO, 2003:58-59).

Desta maneira, devemos compreender o ato de escrever a história como um aspecto presente no universo; os historiadores têm como instrumento de interpretação a leitura buscando sempre enxergar os acontecimentos numa perspectiva relacional entre o documento empregado na pesquisa, à historiografia e a teoria pertinente ao tema escolhido.

Portanto, a relação entre história e literatura como esclarece Pesavento (2003, p.80) ocorre a partir de aproximações e distanciamentos entre a história e a literatura, considerando que na grande maioria das vezes, uma apoia a outra.

Observando o fato de que os aspectos socioculturais dizem muito sobre uma determinada comunidade, um povo e sua cultura, e sabendo que esses fatores, mantem uma forte e inquebrantável relação com a literatura que de si emana, especialmente por envolverem muitas questões que englobam os aspectos e o contexto sociocultural dos lugares onde uma determinada obra foi germinada, é que não podemos, ao analisarmos uma determinada produção literária, desconsiderar os aspectos socioculturais inseridos na mesma.

Sendo assim, quando abordamos questões referentes à literatura, percebemos que grande parte da produção literária da qual tomamos conhecimento,

está atrelada e, conseqüentemente, não pode ser avaliada, ou mesmo compreendida de forma isolada, ou seja, sem estar em consonância com os mais diversos pontos de cunho histórico e que, por se tratar de história, merece um olhar mais delicado sobre os aspectos que estão sendo retratados ou simplesmente apresentados na obra em pauta.

Porém, não podemos esquecer, que vários outros aspectos, assim como até mesmo questões de ordem psicológica, devem ser considerados também, quando temos o intuito de analisar, uma determinada produção literária, conforme Antonio Candido ressalta tão bem:

Mas se tomarmos o cuidado de considerar os fatores sociais (como foi exposto) no seu papel de formadores da estrutura veremos que tanto eles quanto os psíquicos são decisivos para a análise literária, e que pretender definir sem uns e outros a integridade estética da obra é querer, arrancar-se de um atoleiro puxando para cima os próprios cabelos (CANDIDO, 2008, p. 22).

Assim, o texto literário pode ser lido e estudado sob um ponto de vista histórico, pois de acordo com Pesavento (1996) o historiador “é um tipo particular de leitor, cuja missão é, ao mesmo tempo, narrar e interpretar algo que ocorreu no passado, construindo uma versão aceitável e lógica daquilo que um dia teria ocorrido”. Como observa Jakobson (1973, p.64):

Sabemos que a literatura detém o poder de recuperar e retratar indubitavelmente o contexto histórico vivido, ou como afirma Jakobson, “a obra literária é objetivada; ela existe concretamente independentemente do leitor, e cada leitor aborda o texto de modo imediato”.

Segundo Edward Said, o texto literário é um “campo dinâmico” com “um certo alcance de referência, um sistema de tentáculos em parte potencial e em parte atual: ao leitor, a situação histórica, a outros textos, ao passado e ao presente” (1938, p.157).

É importante salientar que o nosso corpus de pesquisa tem como espaço a China, e que por se tratar de um país com costumes inteiramente díspares dos ocidentais tende a se configurar para nós como uma sociedade repressora, especialmente quando tomamos conhecimentos de determinados assuntos e costumes atrelados à liberdade individual ou ao tratamento discriminatório dado as mulheres no século passado e até mesmo nos dias atuais como controle de

natalidade, preferencia por filhos homens, aborto de crianças do sexo feminino, até mesmo pelo fato da grande maioria da população ser do sexo masculino, o que ocasiona certa diferença na maneira de se enxergar a mulher, suas necessidades, suas especificidades. Por ser uma sociedade predominantemente masculina, todo o seu contexto sociocultural de certo modo, leva nos a procurar a justificação, o porquê de todo esse interesse nessas culturas milenares e nos costumes tão divergentes das nossas práticas.

Em vista disso, ao mergulharmos na obra de Lisa See e dada à riqueza dos costumes presentes no século passado na China, deparamo-nos com este encontro da literatura com o cenário sociocultural no qual a obra foi construída, despertando assim em nós a curiosidade para os detalhes referentes às tradições e a forma como os mesmo eram mantidos e como atravessaram gerações sem serem extintos.

A obra relata várias práticas culturais e sociais, algumas até vistas como comuns para o período no qual a obra esta inserida (século XIX). A maioria destas práticas é em relação às meninas chinesas. Mas antes de entrar na obra gostaríamos de fazer um breve percurso pela história chinesa, para entendermos melhor os costumes e práticas culturais como a relação “*Laotong*”, “*Nu Shu*” e “*footbinding*” e também para vermos o modo como o universo masculino e o feminino era constituído no lar chinês.

1.1. A ESTRUTURA FAMILIAR PATRIARCAL E O CASAMENTO

1.1.1. A construção do sócio cultural chinês: sociedade e estrutura familiar Patriarcal

A questão da hierarquia dentro da família chinesa, especialmente em se tratando da posição conferida à mulher, não difere muito da estrutura familiar brasileira. Partiremos do pressuposto de que na cultura oriental, existem para eles, cinco tipos de relações humanas, que são consideradas fundamentais para os chineses. Segundo Goucher e Walton (2011, p.146-148), existem três tipos de relações a se considerar.

A primeira delas é a relação desenvolvida entre o imperador e os seus súditos, o imperador deve tratá-los do mesmo modo que trata seus filhos, ou seja,

com respeito e dando uma boa instrução e considerando-o, tratamento este que deve ser recíproco.

A segunda é aquela que é mantida entre pai e filho especialmente se o filho em questão for do sexo masculino, uma vez que o filho homem sempre foi o mais desejado, apreciado e reconhecido dentro das famílias chinesas, sendo bem mais considerado dentro da cultura do que as filhas mulheres que eram vistas como peso e sem valor algum para a sua família.

A terceira afinidade importante seria entre o irmão mais velho e os mais novos, esse tipo de relação, se caracterizava pelo domínio do irmão mais velho, sobre os mais novos, eles sempre recebiam atenção dos pais e eram visto como o membro mais importante dentro da casa, muitas vezes era admirado pelos mais novos e quando solicitava ajuda, ou gastava seu tempo, interagindo com os mais novos, isto era sinônimo de grande alegria, sendo reservada aos irmãos mais velhos, a tarefa de zelar pelo bem-estar dos seus irmãos mais novos, assim como manter a integridade física e moral das suas irmãs, até que elas casassem e passassem a ser protegidas pelo seu esposo e os demais homens da casa.

Em quarto lugar temos o relacionamento entre marido e esposa, as mulheres eram sempre subordinadas aos seus maridos, devotando-lhe total obediência e dedicação. Para uma mulher que fosse casada, a maior virtude dela era o fato de ser fiel ao seu esposo, deste modo, elas eram criadas para serem dependentes e submissas, como filhas essa dependência era em relação aos pais, como esposas, aos seus maridos, e se ficassem viúvas, passavam a ser subordinadas aos seus filhos.

E por último o relacionamento de companheirismo também era de grande valor dentro da cultura conforme vemos na obra de See com a relação de amizade entre Flor da Neve e Lírio. Porém, certos aspectos relacionados a estes tipos de relações, são aparentes, destacando-se o domínio da idade sobre a juventude, o domínio do homem sobre a mulher, a idade e o gênero que determinava a hierarquia dentro das famílias.

Considerando o fato de que para a maioria dos chineses, e durante a maior parte da história da China, a família era considerada o núcleo mais importante da vida social, e a devoção a ela era considerada uma grande virtude. Os pais sentiam-se responsáveis pela difusão dos ensinamentos que vinham dos antepassados para seus filhos, dentre eles e um dos mais nobres seria o de como preservar a qualidade de vida e as regras familiares.

As famílias chinesas, em geral, eram numerosas, como era o caso em quase todas as sociedades. Geralmente os parentes viviam e compartilhavam a mesma casa (pai, mãe, filhos, avós, netos, tios), reunindo muitas vezes três ou quatro gerações, dividindo conhecimentos e vida social, política e econômica, sob o mesmo teto.

1.1.2 O mundo masculino e o mundo feminino: segregação, uma prática comum da cultura chinesa

De acordo com Mason-Oppenheim (1995) as relações estabelecidas entre homens e mulheres, em grande parte das sociedades tem um passado fortemente patriarcal, onde um dos pilares é a subordinação das mulheres associada ao domínio da sua capacidade de dar a vida. Posicionar-se como homem ou mulher está relacionado também ao fato de assumir um papel de marido, pai, esposa e mãe.

Os status e os papéis na produção são fortemente articulados com a esfera da reprodução, ou seja, os indivíduos devem casar para poder multiplicar, deste modo, a família ainda é um lugar primordial na definição das relações entre os sexos. Todavia, no decorrer da sua história, cada sociedade elabora o que podemos chamar de um “sistema de gênero”.

Esse sistema, como veremos mais adiante, não é apresentado de forma diferente por Lisa See na obra adotada, dado a sua complexidade não é possível examinar todos os países em desenvolvimento, nem os laços existentes entre os sistemas de gênero e as dinâmicas familiares.

Ao longo da vida dos indivíduos, a dinâmica das famílias, a formação e a dissolução de uniões e as modalidades de residência irão “encenar” relações de gênero, seja pela aprovação das normas sociais, seja, mais raramente, por sua contestação.

Nos mais distintos tipos de cerimônias matrimoniais (que variam de acordo com os costumes e as religiões), uma vez que cada doutrina religiosa celebra o casamento de um jeito diferente, dos países, e nas comemorações do casamento, as relações socialmente instituídas entre homens e mulheres se manifestam com particular evidência.

Segundo o conceito de Locoh (1996a), as alianças acordadas e a filiação, determinam futuramente a natureza das relações entre esposos, entre pais e filhos e, mais vastamente, entre cada indivíduo, sua família de origem e a família de aliança, ou seja, aquela que recebe um novo membro.

A idade apropriada para o casamento, especialmente para a moça era particularmente baixa e a realidade era quase sempre a mesma, como os casamentos em geral eram arranjados entre pessoas distantes ou de fora dos seus grupos ou aldeias de origem, as moças após o casamento iam morar muito afastadas de suas famílias, e seus parentes não importando, a aldeia em que ela residisse.

Mas esta não é a única diferença. Percebemos também que a contratação de um bom casamento, ocasionava e procurava muitas vezes, uma melhoria de vida para a família da noiva, sendo este um dos motivos principais pelo qual as meninas eram educadas e moldadas desde cedo para que pudessem ser boas futuras esposas, não só dedicando-se em aprender as atividades que exerceriam no seu novo lar ao casar, mas também sendo podadas fisicamente nos seus pés, para que sua família pudesse com isto, receber um dote valioso.

As famílias envolvidas deviam cumprir algumas exigências nesse trato. Como troca de presentes, recebimento de mantimentos e também dos tecidos para a confecção dos enxovais e dos sapatos que eram entregues á sogra e ao noivo, no momento das celebrações. Os homens permutam prestações, apoiando-se na cooperação da sua parentela, particularmente seus irmãos como forma de honrar seus compromissos com a família da noiva.

Segundo Dyson e Moore (1983: 43), o casamento é regido pela busca de alianças entre grupos nos quais a mulher não possuem autoridade ou crédito para tomar parte nas negociações. Os que “cedem à mulher” são socialmente inferiores aos que “tomam a mulher”. O fato de que a futura esposa venha de outro grupo constitui um risco para a família que a acolhe. Porque ela precisa ser “moldada” para integrar a família do marido e sustentar seus interesses, correndo muitas vezes o risco de ser substituída por concubinas ou devolvida caso fosse julgada como incapaz de ser uma boa esposa.

A questão da castidade das moças antes do casamento, como era comum em quase todas as sociedades da época, era algo importante e uma questão de honra para sua família. Para garanti-la, recorre-se à prática do recolhimento, as moças

ficavam isoladas e sem contato algum com homens de fora, como uma forma de “proteção”, segundo o contexto por nós pesquisado, essa separação ocorria no momento em que elas tinham seus pés atados. Assim, a divisão dos sexos era uma regra primária, inclusive para as atividades produtivas nas quais as mulheres eventualmente participavam, como as colheitas e plantios.

Esperava-se que os homens cooperassem tanto com sua família de origem como com a sua família de aliança, ou seja, aquela da qual ele iria se tornar um membro ao contrair o casamento. Neste sistema, as mulheres podiam e geralmente casavam dentro de famílias próximas. Havia quase sempre, uma relativa igualdade de status entre o grupo familiar de origem da noiva e o grupo que elas passavam a compor depois do casamento.

Portanto, dentro da sociedade, devido aos costumes, algumas profissões não eram bem quistas como, por exemplo, aquelas que estavam relacionadas à matança de animais e conseqüentemente ao derramamento de sangue, como vemos na obra, o fato de uma das personagens ter casado com um açougueiro, era remetido a profissão dele, todos os acontecimentos negativos pelos quais ela passou na vida, como a morte do seu filho homem e até mesmo a doença que a cometeu.

A sociedade chinesa, como em geral as sociedades orientais, mostra um grande respeito e admiração para com as pessoas mais velhas, considerando-os detentores de grande sabedoria e conhecimento. Todavia, as regras da família eram determinadas e mantidas pelos mais idosos. Ao se casarem, as mulheres chinesas, se viam, em muitos aspectos, sob a opressão dos mais idosos da família do seu esposo, fato esse que já não ocorria com os rapazes que de fato adquirem “poder” sobre sua jovem esposa. Os homens aumentam seu grau de poder dentro da família ao longo do tempo e em vários níveis da organização social: controle de recursos, na organização familiar, no sistema político, nas práticas religiosas, etc.

Outro fator que não podemos desconsiderar é o grau de desvalorização da figura feminina em relação à figura masculina uma vez que na cultura em estudo, o homem sempre era o mais admirado, o mais desejado desde o seu nascimento, contribuindo assim para a supervalorização do masculino. Essa supervalorização do masculino demonstrava um alto grau de conformação por parte das mulheres com a sua situação, elas eram cientes do seu papel de filha, nora, esposa e mãe, tinham plena consciência do seu pouco valor como mulher, tanto que nenhuma delas ao

casar, desejava dar a luz a uma filha mulher, pois eram vistas como um peso e motivo de desgosto e de incapacidade para suas mães.

As mulheres sofriam privações das mais diversas formas, elas eram castradas de todos os modos, esse processo repressor tinha início no seio familiar e só terminava com a morte, uma vez que a mulher era oprimida pela sua família, depois passava a ser controlada pelo seu esposo e a família do mesmo, mais precisamente pela sua sogra. Apenas o nascimento de um filho homem, poderia aliviar suas angústias, uma vez que elas desde a infância, sempre ouviam nas conversas das mulheres mais experientes, que um filho homem e os pés pequenos e perfumados, eram o que aferiam valor a uma mulher e servia de garantia para uma vida melhor.

Deste modo as núpcias eram a maneira mais simples de aumentar o status social de uma família, assim como o econômico, as famílias eram mais do que unidades reservadas para a produção de filhas casadoiras e parideiras. Na sociedade chinesa, o casamento e a vida familiar refletiam uma complexidade de noções sobre o papel e a posição da mulher no núcleo familiar e nas suas relações com o sexo oposto, o casamento criava laços emocionais complicados que eram muitas vezes frustrados pelos costumes e práticas sociais.

Parafraseamos Walton (2011) quando ela diz que se tratando da origem familiar do período correspondente a China imperial (1300-1800) algumas vezes os seus membros recebiam instruções sobre os mais diversos temas incluindo lições sobre o que vestir, como deveriam se alimentar, quais ocupações eram aceitáveis, alertavam os descendentes para honrar seus ancestrais com os ritos adequados e a não gastar sua herança. Dessa forma, as memórias da vida em família serviram como impressões para as gerações futuras decifrarem e ordenarem seu próprio mundo.

1.1.3 O homem como dono do mundo externo e a mulher no comando do mundo interno

Outro aspecto interessante, principalmente por se tratar também de uma prática social, é o distanciamento entre o sexo masculino e o feminino. Como veremos no próximo capítulo o texto de See mostra que esta separação começa

primeiramente dentro de casa e se desdobra aos ambientes exteriores, passando por acontecimentos sociais, até atingir as relações de trabalho.

Por outro lado também, compreendemos que a segregação existente entre eles na cultura chinesa, não é algo que possui o poder de angustiar essas mulheres, desde muito cedo, elas são adentradas no universo e no ambiente feminino, de uma maneira muito simplória, mostrando que o fato de ser mulher, ainda que dentro da sua cultura elas não possuam os mesmos direitos que os homens, não dá concessão aos homens, seja eles de casa ou de fora, para invadirem seu espaço, nem tão pouco serem desrespeitosos para com elas.

Este fato, porém, não chegava a ser algo que as incomodava, elas eram cientes desta separação e sabiam que os momentos mais significantes de suas vidas não seriam presenciados pelos homens, pois era assim, separadas que elas eram educadas, letradas na escrita em *Nu Shu*, produziam seus enxovais para o seu casamento, confeccionavam os presentes que seriam entregues a família do seu esposo, tinham seus pés enfaixados, encontravam com suas irmãs *Laotong*, era desta maneira, num universo totalmente feminino e restrito que a vida das mulheres da China eram conduzidas até que elas deixassem a casa paterna.

Vários são os aspectos que nos permitem identificar esta separação bem presente na cultura, o que nos favorece na compreensão do sociocultural chinês, um desses traços está relacionado à forma como os chineses se posicionam e convivem com as pessoas mais velhas, conforme já aludimos, ressaltando que esta segregação não possui uma conotação negativa, mostrando neste caso, a diferença de tratamento entre os mais idosos e os mais jovens, uma vez que a China ofereceu às pessoas mais velhas, não importando seu sexo, uma condição privilegiada.

A qualificação e a responsabilidade das pessoas cresciam à medida que iam avançando na idade e no alto encontravam-se os idosos. Essa posição elevada acabava sempre refletindo no seio familiar, porém, todos os que residem nas casas que tenham idosos, deviam obediência à pessoa mais idosa da casa.

O filósofo Confúcio (551 a.C. - 479 a.C.) justificava essa autoridade concedida aos mais velhos, justamente porque eles eram considerados verdadeiros sábios. Para os chineses, os mais velhos, nunca são vistos como um peso para as famílias, diferentemente do que presenciamos muitas vezes na nossa cultura ocidental.

Deste modo, dentro da obra literária analisada, percebemos que esta afirmação de Confúcio, realmente procede, logo no início da obra, a personagem

Lírio, dá indícios de que é bem cuidada pelos membros mais novos. Percebemos então que a situação do idoso, dentro do sociocultural chinês, difere bastante da maneira como os idosos são tratados, hoje os nossos idosos, deparam-se com situações bastante constrangedoras, sendo vítimas de maus-tratos muitas vezes por parte daqueles com quem dividem o teto, muitas vezes, forçados a trabalhar, para sustentar filhos e netos que vivem às custas de suas aposentadorias.

Em quase todas as sociedades sejam elas ocidentais ou orientais, a figura masculina quase sempre é vista como a representação do *macho alpha*, tão comumente usada para descrever um elemento que ao receber essa denominação, confere a ele o sentido de ser o mais importante, aquele que vem primeiro. Assim, ao adentrarmos na cultura chinesa, percebemos que o homem dentro desse contexto chinês, não era visto nem se posicionava de maneira diferente. Tanto na história chinesa como na obra de See, percebemos que o sexo masculino exercia uma função de liderança perante os outros elementos do grupo, no presente caso a sua família.

Já as mulheres por sua vez, sempre estão envolvidas em suas atividades domésticas, cuidando das crianças, bordando e treinando as meninas para ser boas esposas dentre outras atividades. Isso mostra que na organização da sociedade e do lar, especificamente no caso das meninas, elas eram instruídas desde muito cedo a executarem essas atividades com dedicação e capricho uma vez que o grau de responsabilidade das mesmas ia aumentando com a idade, tornando-se algo ainda mais cansativo, quando a moça contraía o matrimônio e gerava filhos. A segregação entre homem e mulher apresenta um tipo de respeito mútuo na sociedade chinesa quase despercebida pelo olhar ocidental. Como veremos mais adiante, a situação de homem na família não é diferente na obra de See que também retrata a segregação, mas ao mesmo tempo também mostra o poder matriarcal dentro da casa.

1.1.4. A intervenção política: conflito entre política e cultura

Os espaços levantados pela relação entre política e cultura sempre foram cruzados por conflitos que as duas perspectivas emitem quando entrelaçadas historicamente. Se a política postula construir um espaço autônomo para a ação humana mobilizando elementos como liberdade e igualdade, o polo da cultura não é

menos ambicioso projetando a possibilidade de emancipação por meio da arte e do conhecimento.

As relações entre estes dois campos tem significados muito distintos quando observamos o contexto temporal e os modos pelos quais foram travadas tais mediações em países diversos, o que não veio a ser diferente na cultura aqui abordada. De um lado a política expressa um objeto e temas para reflexão estética e por outro se apresenta como um canal de entrada aos recursos de poder.

Esta multiplicidade nas interações entre cultura e política foi historicamente se modificando e muitas vezes tomando posicionamentos que de certo modo, favoreceu algumas classes mais desprovidas de atenção como no caso, as mulheres chinesas que acabaram de certa maneira, sendo privilegiadas com as decisões políticas, especificamente no caso dos decretos do imperador Mao Tse Tung que determinou o fim do processo de bandagem dos pés femininos, mostrando assim, que certas formas de tortura necessitam muitas vezes de uma intervenção política ainda que essas decisões sejam contra os costumes culturais de um determinado povo.

1.1.5. Os costumes estranhos e o corpo feminino

O fato de o corpo feminino apresentar marcas culturais ao longo dos tempos é notório e presente não só na cultura chinesa, mas também em várias outras culturas como na Índia, com a tradição do uso de pulseiras para as mulheres, que não pode deixar de ser citada aqui, e a África com suas famosas mulheres girafas.

Tudo isto se deve ao fato de que as mulheres que possuem estas marcas culturais são mais bem vistas pela sociedade na qual estão inseridas e por que não se dizer, passam também a ser mais apreciadas pelo sexo oposto, passando a ter, com isto, a chance de conseguirem ao atingirem a idade apropriada, um bom casamento futuro, por estarem enquadradas dentro dos padrões de beleza impostos pela sua sociedade. Dentro deste contexto propomos comparar e analisar a obra literária como documento ou registro da história e dos costumes.

Quando nos deparamos e nos propomos a analisarmos qualquer aspecto relacionado ao mundo asiático, especificamente à China, devemos de antemão, voltarmos o nosso olhar primeiramente para a história e para os diferentes elementos desta rica cultura que faz parte do passado deste país. Devemos

ressaltar o fato de que alguns costumes que parecem tão violentos para nós fazem parte do sistema patriarcal que se posiciona como um forte instrumento de dominação dentro do sistema cultural chinês e conseqüentemente nas relações de poder que exaltam o sexo masculino em detrimento do feminino. Mas será que isso é o resultado do nosso pensamento unilateral? O Oriente, como observa Edward Said é uma criação exótica da visão ocidental. A visão critica sempre mostra essa parcialidade ou diferença como observa Yan Ming and Fan Qui:

As feministas ocidentais prestam bastante atenção à vida sexual, aos costumes sexuais e a influência sobre as mulheres da cultura sexual: isso até parece uma tendência ao "sexualismo". Elas usam lentes que distorcem quando observamos as condições das mulheres em outros países. Por exemplo, o interesse de um monte de estudos feministas ocidentais se concentrou nos costumes específicos, tais como os pés chineses enfaixados, a circuncisão feminina tradicional, e códigos de vestimenta restritivas em alguns países do Oriente Médio. Eles encaram esses costumes como símbolos de posição das mulheres naquele país, e os descreve nas suas obras literárias. Aparentemente, em algumas descrições, muitas vezes falta o contexto histórico, e confundimos costumes antigos com as realidades modernas, portanto, muitas vezes chegamos a falsas conclusões, que depois do projeto para as mulheres nos países em desenvolvimento, controlando a opinião pública mundial (YAN MING; FAN QUI, 1997, p.24) [Tradução nossa]⁵.

1.2 LAOTONG: AMIZADE ESPECIAL ENTRE MULHERES COM AVAL SOCIAL

De acordo com historiadores chineses, *Laotong* pode ser visto como uma amizade entre meninas, o “relacionamento *Laotong*” também pode ser chamado de “*kinder sisters*” significando irmãs bondosas. Esse relacionamento de companheirismo com aprovação social consistia no fato de encontrar em aldeias próximas uma menina e firmar com ela um acordo, passando assim a serem irmãs *Laotongs*. Este acordo, sempre era feito através de um voto e ao ser firmado,

⁵ The western feminists pay great attention to sexual life, sexual customs and the influence on women of sexual culture: there even appeared a trend of 'Sexualism'. They wear distorting lenses when observing the conditions of the women in other countries. For instance, the interest of quite a lot of western feminist studies was concentrated on the specific customs such as traditional Chinese foot-binding, female circumcision, and restrictive dress codes in some Middle Eastern countries. They regard these customs as symbols of the women's position in that country, and described them in their literary works. Apparently, such descriptions often lack the proper historical context, and confuse ancient customs with modern realities, therefore often drawing false conclusions, which they then project onto women in the developing countries by controlling world opinion (YAN MING; FAN QUI, 1997, p. 24).

contribuía para que elas não se sentissem tão sozinhas nem tão pouco isoladas durante as diversas etapas das suas vidas.

Para que essa escolha fosse feita, existia todo um processo de seleção, não era algo que a menina chinesa na sua condição de subalterna, pudesse escolher ou opinar, nem tão pouco se opor, mas era um tipo de amizade arranjada, decidida pelos pais das meninas envolvidas. Esse tipo de acordo, geralmente era arranjado por uma casamenteira (o), que recebia das famílias uma espécie de pagamento (dote) por este acordo de afeto firmado entre duas famílias diferentes, tão logo o contrato fosse assinado, cabia a ela, a tarefa de conseguir o melhor partido possível para a menina e para a família que estivesse buscando esse pacto.

A seleção consistia em procurar uma menina que tivessem nascido no mesmo dia, no mesmo ano, que fossem da mesma altura, que possuíssem beleza física semelhante e que tivesse amarrado os seus pés no mesmo dia. Porém este tipo de relacionamento de companheirismo entre as garotas era algo corriqueiro na vida destas garotas ainda crianças. Foi assim, após todo esse processo de seleção, que Lírio e Flor da Neve (personagens femininas centrais da obra), desenvolveram desde muito cedo essa linda e profunda afeição.

Esse voto era considerado mais importante do que o próprio casamento, pois ele visava o companheirismo, o dividir a vida, as aflições, as angustias e os sonhos dessas pequenas que eram consagradas uma a outra. Já o casamento por sua vez, era algo que não exigia fidelidade da parte do homem, podendo o mesmo vir a ter concubinas e outras mulheres, especialmente se sua esposa não lhe desse um filho homem, era algo feito por obrigação, cuja única finalidade era gerar filhos enquanto que essa amizade servia como um ato de companheirismo eterno.

Essa relação de confiança era algo que possibilitava a elas um grau de intimidade, elas chegavam a se conhecer melhor uma a outra do que até mesmo seus maridos as conheciam. Ressaltando o fato de que esta união era reconhecida e bastante respeitada pelas duas famílias envolvidas, assim como pelos maridos. As esposas, inclusive, poderiam se deslocar de suas residências em qualquer período de suas vidas para visitarem suas *Laotongs*, caso morassem em aldeias distintas, ou se por algum motivo estivessem separadas, poderiam ficar na casa uma da outra por algum tempo, sendo bem alimentada, protegida e mantida em segurança por toda a família, inclusive pelo esposo de sua *Laotong*.

O relacionamento *Laotong* surgiu séculos atrás na província de Hunan e era formalizado através da assinatura de um contrato, mostrando assim o grau de seriedade que o mesmo exigia das partes envolvidas, era um processo legal envolvendo até o selo que era específico para cada caso e as duas mulheres permaneciam ligadas para a vida toda, ressaltando o fato de que esses votos raramente eram quebrados. E foi assim, que elas ainda crianças, num dia de passeio, sempre sob a supervisão de uma mulher mais velha, no caso, Madame Wang (a casamenteira), que Lírio e Flor da Neve redigiram seu contrato de amizade, usando um tipo de escrita que as aproximou e as manteve unidas durante toda a vida, ainda que em aldeias distantes e casas separadas.

O laço de amizade que foi se construindo entre as protagonistas da obra, nos proporcionam uma verdadeira imersão na cultura da China, veremos mais adiante como esses laços são tecidos ao longo da vida de ambas, com o passar do tempo, as duas meninas, começam a se corresponderem de forma mais intensa, utilizando a escrita feminina secreta em *Nu Shu*, a trocaram presentes e a partilharam nos seus leques, seus sonhos de amizade eterna.

Porém, este não era o único voto relacionado à amizade entre as garotas chinesas, o contrato *Laotong* era o mais sério, mas existia outra modalidade de relacionamento que também era firmado entre um grupo de garotas que residiam em uma mesma aldeia.

Esse pacto, era conhecido como “irmãs juradas”, era um tipo de irmandade que tinha sua existência até o casamento da última menina envolvida, uma vez que, como mulheres casadas elas não teriam mais muito tempo disponível, e também se distanciavam umas das outras com o casamento porque geralmente elas mudavam para a aldeia da família do esposo e devido às várias atividades que elas deveriam dar cumprimento na casa da família do noivo tais como: cozinhar, costurar, servir sua sogra, então todas essas obrigações, tornava este contato com suas irmãs juradas como algo difícil de ser conservado.

Deste modo, verificamos o quanto as relações de afeição entre as meninas chinesas eram fortes, mostrando assim que as modalidades de relacionamento entre elas fosse através do voto *Laotong* ou entre as irmãs juradas (*sworn sisters*), serviam sempre como um alento para a solidão das mesmas, e ressaltando o fato de que mesmo estando implantadas numa sociedade centrada no sexo masculino, elas conservavam suas amizades, seus espaços e costumes herdados de seus

antepassados, mantendo-as apartadas e protegidas completamente do universo masculino.

Percebemos que na sociedade chinesa descrita na obra por See, esse contexto e a forma como estes laços e relações são constituídos ao longo da vida das mulheres difere por exemplos da maneira prevista nas sociedades ocidentais. Na época retratada por ela, o casamento era algo bem precoce para as mulheres e a forma como o mesmo ocorreria, dependia do status das famílias e dos esforços feitos pelas mulheres casamenteiras que desempenhavam um papel preponderante na escolha do futuro cônjuge.

1.3 O “*NU SHU*”

1.3.1. A escrita feminina chinesa “*Nu Shu*”

Nu Shu é um dos sistemas de grafia mais interessante e menos conhecida e significa literalmente: "Escrita da mulher" em chinês. Como o nome indica *Nu Shu* foi criado e usado exclusivamente por mulheres em uma parte remota da China. Como a cultura tradicional chinesa na época do surgimento desta escrita, era centrada no homem, restringia às meninas de receberem qualquer tipo de educação formal, sendo assim, o *Nu Shu* foi desenvolvido e praticado em segredo por mulheres por mais de cem anos no condado de Jiangyong província de Hunan.

Alguns caracteres em *Nu Shu* foram tomados a partir do chinês, baseados no Hanzi, enquanto outros parecem ser inventados, mas todos são rendidos em um estilo muito mais cursivo do que a escrita chinesa. Além disso, os caracteres são "mais finos" do que os caracteres chineses, que tende a possuir uma forma quadrada. Além disso, como o chinês, *Nu Shu* está escrito de cima para baixo nas colunas, e as colunas são escritos da direita para a esquerda. Conforme as imagens abaixo:



Imagem 1 – Leque escrito em Nu Shu (retirada da internet)

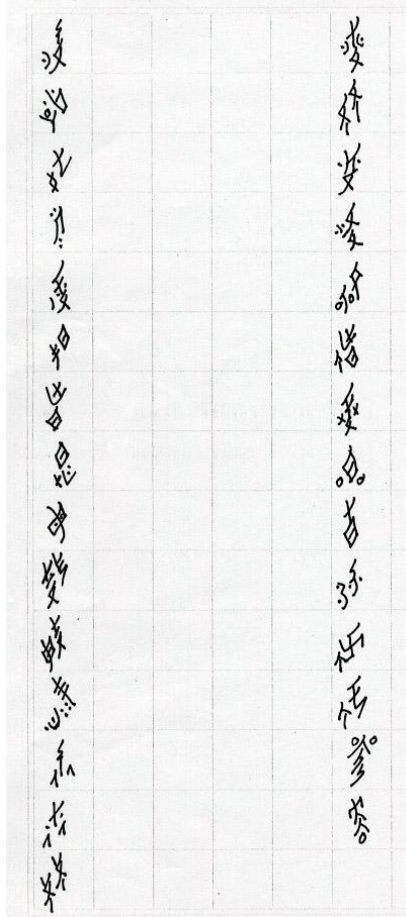


Imagem 2 – Exemplo de escrita em Nu Shu (Fonte: http://nushu.world.coocan.jp/houkoku2007_08-09_E.html)

Esse sistema de escrita e leitura, baseado no Mandarim, era composto por caracteres e símbolos, era algo delicado e discreto e deste modo, era capaz de passar despercebido aos olhos dos homens, que não conheciam nem os símbolos, nem as letras, o que facilitava a comunicação entre elas, e se tornava uma

ferramenta de libertação para essas mulheres oprimidas, iletradas e isoladas do mundo, não sendo apropriado para elas, pensar, demonstrar emoções ou ter vontade própria.

Porém o *Nu Shu* não é considerado um idioma, mas é visto como um código de escrita usado para representar um idioma falado. O *Nu Shu*, que é um silabário, usa grifos de natureza fonética; conhece-se um universo de cerca de 600 grafemas, que são escritos de cima para baixo e da direita para a esquerda. Traços longos e finos são considerados a marca de uma mão destra neste tipo de escrita.

O *Nu Shu*, literalmente a Escrita das Mulheres, desenvolveu-se como um sistema de delicados grifos caligráficos, relacionados com a técnica de bordar, sistema transmitido de avó para neta, de tia para afilhada, de amiga para amiga, mas nunca partilhado com rapazes ou homens. Nas folhas escritas com estes esguios grifos com suaves curvas, cada palavra parece uma delicada flor.

O desenho dos traços tem sido comparado a patas de mosquito ou pegadas de ave na neve. Segundo Jeff Connor-Linton (2008), “Eles são construídos a partir de apenas quatro tipos de traços – pontos, horizontais, vírgulas e arcos – e escrito em colunas verticais”. *“They are constructed from just four kinds of strokes — dots, horizontals, virgules and arcs — and written in vertical columns”*.

O *Nu Shu* propiciava vez e voz, especialmente entre elas, era esse o modo usado por essas mulheres para sair do isolamento e assim, poder compartilhar seus sonhos e suas realizações. Essa modalidade de escrita também pode ser interpretada como prova de mais uma diferença entre os homens e as mulheres, inseridos na cultura chinesa, diferenças essas tão gritantes que até mesmo a forma de comunicação entre os sexos não poderia ser uniformizada, ressaltando assim, mais uma forma de segregação entre eles. Assim o *Nu Shu* é inventado pelas mulheres como um meio de comunicação, onde elas podiam se comunicar sem serem inibidas ou controladas pela intervenção masculina.

Como a história nos mostra, as mulheres sempre tiveram sua liberdade e autonomia limitadas ou controladas, uma vez que eram tidas como sujeitos negados ou desvalorizados. Destinadas quase sempre ao ambiente doméstico e privado, o “segundo sexo” que durante muito tempo foi excluído das decisões familiares e políticas, da vida pública, sendo assim, as mulheres eram oprimidas e silenciadas dos mais diversos modos.

Por outro lado, conforme explana Simone de Beauvoir (2008), os homens, desde os primórdios do patriarcado, julgaram de grande utilidade para seus interesses e pretensões “manter a mulher em um completo estado de dependência”, concentrando em suas mãos a autonomia e o poder e constituindo concretamente a mulher como o outro.

Estas marcas podem ser vistas como resquícios dessa constituição do gênero feminino como alteridade, e da opressão histórica resultante disso e ainda podem ser percebidas atualmente, inclusive, na literatura, uma vez que tanto a crítica como a historiografia literária está calcada em discursos falocêntricos, resistentes em admitir a existência de vozes literárias com outra visão dissonante, representativa dessa alteridade historicamente silenciada.

No entanto, as tentativas de silenciamento das vozes consideradas dissonantes tornam-se ainda mais insistentes e evidenciam a intenção de calar a alteridade política e ideológica, principalmente no que diz respeito ao sexo feminino. Sendo assim, esse contexto de repressão e arbitrariedades influenciou e vem contribuindo para a produção literária de muitos autores e autoras.

Ao longo de obra de See, é possível identificar diversos episódios de repressão e de opressão enfrentados pelas mulheres chinesas dentro de uma sociedade patriarcal, representando a duplicidade da opressão sofrida pelas mulheres no período — a política e de gênero como chama Kate Millet e outras críticas feministas.

Porém em outras culturas também, podemos evidenciar algumas práticas similares comuns, como na obra *Metamorfoses* de Ovídio onde a personagem Filomena encontra um meio para denunciar a violência sofrida. Não importando o modo, as mulheres sempre conseguiam uma forma para expressar suas emoções, mas ter uma escrita com seu próprio alfabeto que favorecia essa expressão é algo singular da cultura chinesa.

Nesse sentido, o romance contado por uma narradora feminina traz à tona novos ângulos de enunciação, apresentando uma leitura alternativa sobre as questões culturais referentes à China muitas vezes em confronto com a história oficial. Nesse caso, além da autora, Lisa See, as personagens principais do romance, Lírio e Flor da Neve, declaram que usaram um tipo de escrita secreta (*Nu Shu*), para escrever ao longo de sua vida sobre suas memórias, medos, sonhos, ainda que estivesse e vivessem em um ambiente separado dos homens, era a partir

da “visão do segundo andar”, que elas tomavam conhecimento dos acontecimentos exteriores.

Todavia, sabemos que esse desejo feminino de adquirir um meio que proporcionasse a elas uma voz, não faz parte somente do universo chinês. Sempre em toda a história da literatura, sabe-se de casos aonde as mulheres muitas vezes chegavam até a usar pseudônimos para poderem escrever e conseqüentemente publicar seus romances, carregados de queixas e de sonhos. *A Room of One's Own*, uma obra revolucionária de Virginia Woolf, na qual surge em uma situação, onde humilhada pelo guarda da biblioteca de Oxford ela percebe a necessidade de ter seu espaço e provoca as mulheres para lutarem por seu espaço também, o espaço feminino. A obra *Jane Eyre* de Charlotte Bronte, que se torna uma bíblia feminina, questiona o espaço que uma mulher ou esposa recebe no casarão dominado pelo homem, quando ela retrata Bertha.

1.3.2. A história do “*Nu Shu*”

Nu Shu é um dos sistemas de escrita mais interessante e menos conhecido fora da China. Como o nome indica *Nu Shu* é um sistema criado e usado exclusivamente por mulheres, camponesas ou aldeãs, em uma parte remota da China, provavelmente depois da dinastia Ming, que não tiveram acesso à escolaridade e que residiam em aldeias, geralmente localizadas em setores rurais. Como a cultura tradicional chinesa é centrada no homem, restringe às meninas de qualquer tipo de educação formal.

O que se segue é um exemplo de *Nu Shu*. O texto à esquerda é escrito em *Nu Shu*, enquanto à direita é a transliteração chinesa exata. As colunas para ambos os textos estão na ordem original da direita para a esquerda.

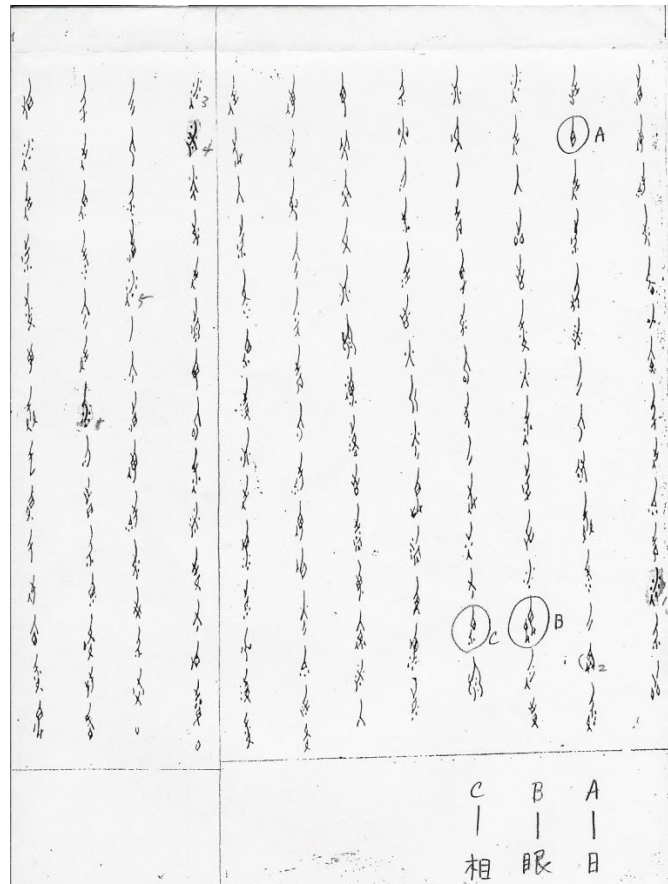


Imagem 3 – Exemplo de um texto escrito em Nu Shu (Fonte: <http://nushu.world.coocan.jp/aas99.htm>)

Um dos costumes culturais chineses era o fato de que as meninas, antes da vida de casada, formavam entre si, uma espécie de grupo (sworn sisters) e usavam os símbolos utilizados nesta escrita para criarem bordados à mão, eles geralmente eram desenhados em leques ou em lenços de seda (conforme vemos na obra de See); também eram confeccionados pequenos livros com estes grafemas. Estes livros eram conhecidos como os livros do terceiro dia, pois eram ofertados às esposas justamente no terceiro dia após o seu casamento.

As primeiras páginas continham poesias desejando felicidade nas suas novas vidas e neles eram escritos os sentimentos de suas mães, avós e tias uma vez que elas agora se afastavam da comunidade das mulheres solteiras, passando a regressar ao grupo das senhoras casadas.

Vejamos o que diz Edward Cod ao escrever para o jornal *Washington Post*:

Três dias depois do casamento, a noiva adolescente recebia um livro chamado Livro do Terceiro dia, um volume encadernado feito de pano onde

suas irmãs juradas e sua mãe gravavam sua tristeza com a perda de sua amiga e filha e expressavam os melhores votos de felicidade na vida conjugal que estava por vir. As primeiras meias dúzias de páginas continham esses lamentos e esperanças, escritos em Nu Shu que o noivo não sabia ler. O resto era deixado em branco para a noiva gravar seus próprios sentimentos e experiências - em Nu Shu – para que se tornasse um diário estimado. (COD, 2008, p.23)

Este tipo de livros tinha muitas folhas em branco, que iriam sendo preenchidas pela mulher (esposa) durante toda a sua vida, passando pelas diversas fases, até atingir a idade da velhice, uma vez que as mulheres após o casamento ficavam reclusas nas casas das famílias dos seus esposos.

Muitas vezes ocorria a perda desses livros, pois às vezes eles eram queimados com os restos mortais das mulheres, segundo o costume, conforme a citação acima, depois do seu falecimento, o que explica a existência na atualidade de poucos livros. Entretanto, os registros também podiam ser relatos dramáticos de acontecimentos em suas vidas como a morte de um filho do sexo masculino ao nascer, a bandagem dos pés, a forma como era tratada na casa dos sogros, ou o nascimento de uma filha mulher.

No ano de 1999, foi filmada uma reportagem sobre *Nu Shu*, feita pela documentarista chinesa Yue-Qing Yang (*A Hidden Language of Women in China*. Filme de Yue-Qing Yang. Canada/China, 1999, 59 min), reportagem esta que atraiu um pouco mais de atenção para este importantíssimo sistema de comunicação feminina. Porém teme-se que essa forma tradicional de escrita desapareça completamente uma vez que as autoridades chinesas não têm conseguido maneiras eficazes de se preservar esse patrimônio cultural, devido à escassez de pessoas que possuam o domínio desta escrita e que pudesse repassá-la para as novas gerações de chineses.

Ainda existe a prática de se comercializar alguns lenços bordados que servem como atração turística (no chamado *Nu Shu Garden*) e alguns cursos sobre esta escrita ainda são ministrados, visando contribuir para manter viva a prática do *Nu Shu*. Apesar dessa tentativa, devemos ressaltar o fato de que as escritas desenvolvidas a partir destes cursos encontram-se completamente fora do contexto social e emocional feminino que lhe originou.

Tendo como base estas informações, surgem então, vários questionamentos na medida em que vamos tomando conhecimento desta escrita que permeia a obra literária, *Snow Flower and the Secret Fan*, sabemos que este modo misterioso e

fascinante de escrever era peculiar as mulheres, sendo assim, não temos como evitar alguns questionamentos sobre alguns aspectos que englobam o *Nu Shu*, qual o porquê desta escrita, como elas aprenderam esses símbolos, quais as normas gramaticais que regiam esta forma de escrever, existiam regras para essa escrita, como as mulheres usavam esta caligrafia e com que finalidade.

Porém, na obra *Word of Nu Shu*, 1999, escrita por Endo notamos que certas práticas culturais que encontramos na obra, permanecem até os dias atuais em alguns vilarejos, uma destas práticas tipicamente femininas referem-se, ao modo como era feito a separação das casas, onde os ambientes eram divididos.

Essa tríade entre a mulher, a caligrafia e os fatos decorridos ao longo de suas vidas é uma relação que marca a vida dessas mulheres chinesas, desde muito cedo, acompanhando-as até a terceira idade:

Hoje em dia, existem poucos escritos em *Nu Shu*, pois os manuscritos eram destruídos, após o falecimento das mulheres, sendo enterrados com elas, cadernos e leques. Porém, o conhecimento do dialeto se perpetuou ao longo dos anos, através das chinesas que passavam o dialeto para suas filhas e netas, com o propósito de preservar esta modalidade de escrita.

No ano de 2004, foi realizada em Pequim, uma exposição com objetos que foram bordados com essa escrita. Recentemente, também ocorreu a publicação de um dicionário da autoria de Zhou Shuoyi, o primeiro homem que aprendeu a escrever em *Nu Shu*. O dicionário contém aproximadamente mil e oitocentos grafemas. Além disso, o governo chinês se comprometeu a construir um museu visando à tentativa de preservação da língua.

1.3.3. A natureza e prática do “*Nu Shu*”

Tratando-se de um sistema de escrita desenvolvido em segredo, que dava voz as mulheres e considerando-se a importância e riqueza do mesmo, podemos dizer que o *Nu Shu* é uma língua viva. Tomamos conhecimento através das pesquisas de Orien Endo, uma pesquisadora deste sistema de escrita que ainda existe um pequeno grupo de mulheres que ainda leem e escrevem usando os traços e caracteres dela. Não podemos a partir disso, definir ou afirmar que o *Nu Shu*, é uma língua pobre.

Tendo como base essas pesquisas, sabemos que essa escrita ainda de maneira muito tímida, continua sendo praticada. Porém, poucos são os programas de incentivo ou as ações vindas do governo chinês que visam conservar e manter vivo este sistema que representa um símbolo de resistência das mulheres chinesas que viviam em espaços castradores.

Ao tomarmos conhecimento deste sistema através da obra, vários questionamentos surgem como, por exemplo, por que as mulheres criaram esse sistema, o que o originou, quem e quando o criou como elas aprenderam esta escrita, qual o seu valor. Grande parte destas questões foi respondida nas consultas feitas nas pesquisas da professora Endo. Seus estudos tiveram início no ano de 1993, porém a existência dela já havia sido comunicada desde o ano de 1983 as autoridades chinesas e vários pesquisadores já haviam se deslocado para a China, mais especificamente até a província de Hunan para conhecer os transmissores, coletar material e gravar a escrita. Até pouco tempo antes, restavam apenas 3 (três) mulheres, Yang Huan Yi de 90 anos, He Yan Xin com idade de 58 anos e a mais nova escritora He Jing-hua também com 58 anos, que ainda dominavam a arte deste sistema de caligrafia.

1.3.4. O “*Nu Shu*” na literatura e na crítica feminina

O sistema de escrita em *Nu Shu*, retratado na obra como um produto do relacionamento *laotong*, um modo de preservar e de conceder privacidade ao voto de amizade e as relações femininas da obra não é algo ainda muito estudado, nem tão pouco abordado pela crítica.

Uma das possibilidades para esta pouca difusão, se deve de certa forma, ao fato de que essa escrita teve seu desenvolvimento de maneira secreta e também foi mantida durante um longo período de tempo em segredo pelas mulheres, talvez esse tenha sido um dos motivos desta escrita ainda não ser tão conhecida, nem tão pouco difundida e praticada pela geração jovem dos chineses, assim como também as profundas mudanças de padrões impostas pela Revolução Cultural.

Sabe-se tendo como base alguns dados das pesquisas de Endo, já mencionado, que hoje na China atual, poucas pessoas possuem o domínio desta modalidade de escrita. Apesar de algumas tentativas do governo de preservar os documentos e a própria maneira de se escrever, com isso alguns museus têm sido

criados com este propósito, assim como, alguns cursos têm sido ofertados, visando à conservação e a propagação desta rica e delicada escrita.

1.4 O “*FOOTBINDING*”

1.4.1 A relação entre padrão de beleza e o casamento

A busca pela beleza, assim como por aquilo que é considerado pelos esteticistas como belo, segundo Schubert (2009) é tão antiga quanto a existência da humanidade. Deste modo, o estilo e as técnicas para se manter a beleza sofreram grandes transformações e acabaram sempre por refletir as tradições e os costumes das mais diversas culturas assim como, dos seus períodos específicos. Portanto, estes padrões de beleza impostos pelos costumes e pelas sociedades, sofreram modificações uma vez que segundo Baumgarten, a beleza se manifesta sob três aspectos, conforme citação:

Reside primeiro num acordo dos pensamentos, abstraindo da ordem por que se apresentam e dos sinais que servem para exprimi-los; o acordo desses pensamentos entre si num só elemento é fenomenal. [...] a beleza é o acordo da ordem interna segundo a qual arrumamos as coisas belamente pensadas. Mas a ordem das coisas é uma ordem interna que deve ser sentida e não pensada. [...] Finalmente, a terceira definição de beleza, é o acordo dos sinais, acordo externo, com os pensamentos e acordo com as coisas. É o acordo da dicção, com os pensamentos, com a ordem por que se arrumam e com as próprias coisas. (BAUMGARTEN apud BAYER, 1978, p, 180-181).

Sabemos, portanto, que o ser humano sempre fez do seu corpo um objeto cultural, ao longo da história, que os povos mais primitivos usavam substâncias e adornos para confeccionar suas maquiagens, procurando assim cada vez mais atingir o belo, demonstrando sempre uma preocupação com a sua aparência, que deveria ser agradável e causar admiração entre eles, preocupação esta que se estende até os dias atuais, especialmente entre as mulheres.

História mundial apresenta panorama variado dos costumes relacionado ao corpo feminino. Ao longo dos anos fomos tecendo diferentes formas de pensar o corpo bem como fomos construindo diferentes formas de nos relacionar com ele. Isto porque as questões que envolvem o corpo são suscetíveis a qualquer influência social, cultural, política e científica. Pensar o corpo mergulhado num contexto

histórico implica um reconhecimento do mesmo para além de uma demarcação biológica pautada em um funcionamento orgânico.

Talvez os egípcios tenha sido o povo mais exagerado no quesito de beleza, uma vez que eles usavam os ditos produtos de beleza tanto para a sua beleza pessoal, como nas mais diversas ocasiões como para o preparo dos mortos, cerimônias religiosas, tanto que ainda hoje usamos a hena para a arte corporal, para a pintura das unhas e o escurecimento dos cabelos. Para o povo egípcio, essa pintura do corpo, muitas vezes servia como uma forma de proteger a alma e o corpo do mal e da peste, conforme D'Angelo; Lotz; Deitz (2011, p.5).

Os asiáticos combinavam a natureza, os homens e os animais em uma cultura sofisticada e bem elaborada, que seguia um alto padrão de higiene e boa aparência. Em se tratando da cultura investigada por nós, sabemos que os chineses, congregaram a riqueza do ambiente natural em suas aparências.

A história também mostra que, durante o período da dinastia Shang (1600 a.C.), os chineses passavam uma mistura avivada feita de uma goma vinda da Arábia, gelatina, cera de abelha e clara de ovos nas unhas, para que elas ficassem com a cor preta ou vermelha. As gueixas não apenas elucidavam o ideal de beleza, mas também ajuntavam em rituais intrincados. Elas removiam os pelos do corpo com uma técnica que hoje chamamos de “depilação com linha” (D'ANGELO; LOTZ; DEITZ, 2011, p.6).

Tudo isso nos mostra como dentro das mais diversas culturas, o fato de cultuar o corpo e o belo, tinham um propósito que ultrapassava o fato de que a mulher deveria ser bela. Na cultura chinesa, o ritual de beleza aos quais as mulheres eram submetidas, possuía um propósito que era o de contribuir para que a mulher conseguisse um bom casamento na sua vida adulta.

Sendo assim, as meninas chinesas ao serem submetidas ao *footbinding*, sabiam que esse era um pré-requisito para que elas pudessem conseguir um bom casamento futuro, conseguindo assim uma melhoria de vida para ela e para a sua família.

Dentro deste contexto, que engloba costumes estranhos, submissão feminina e outras questões culturais, reforçamos a ideia que o escritor tem uma importante função social ao produzir uma obra, salientando que a sua função é tentar mostrar o seu mundo ou o mundo daqueles sujeitos que ele decidiu representar e conferir uma voz por meio do seu discurso.

No seu texto Lisa See dialoga todo o tempo com o contexto histórico, lendo este conjunto de maneira detalhada, e levando em consideração o fato de que ela por ser descendentes de chineses e ter se deslocado várias vezes até a China, país sobre o qual ela escreve, é detentora do conhecimento dos aspectos que merecem destaque. Contudo, enquanto leitores da obra de See, buscamos fazer o mesmo percurso feito por ela, olhando os aspectos culturais, juntamente com a história, justamente porque ao examinarmos os fatos históricos, podemos obter um esclarecimento maior sobre o que de fato ocorria além do que, a história nos ajuda a entender, assim como os fatos elucidam a história.

1.4.2 A história e prática de *footbinding*

A prática de ligar os pés femininos ou “Footbinding”, termo utilizado na obra analisada, era um costume muito antigo e surgiu possivelmente entre os dançarinos cuja missão era divertir a corte e pertenciam a uma camada social mais alta, durante o período equivalente às cinco dinastias e os dez reinos da China imperial, período este que durou do ano de 907 ao de 960. Foi uma época de instabilidade política situada cronologicamente entre as dinastias Tang e Song.

O *footbinding* tornou-se popular durante a dinastia Song, e as primeiras referências que se tem conhecimento sobre os pés atados datam do final do século XI. Conforme Pitts-Taylor (2008, p.203), no século XII, um escritor do século XIII, Che Ruoshui, escreveu sobre sua revolta contra esse costume ao dizer que: "as crianças pequenas ainda não haviam completado quatro ou cinco anos de idade, e que ainda não tinham feito nada de errado, no entanto, eram feitas para sofrer essa dor sem limites para deixar os pés pequenos".

Segundo Bossan (2004), há muita especulação sobre a origem do *footbinding*. Uma história relata que, durante a dinastia do imperador Song (ou Sung) (960-1279) uma de suas concubinas, conhecida como Daji, possuía os pés tortos e pediu ao imperador que muito a admirava, para tornar o *footbinding* algo obrigatório para todas as meninas de modo que seus pés minúsculos seriam o padrão de beleza e elegância. Outra história narra a respeito de uma cortesã favorita do imperador Xiao Baojuan que tinha os pés muito

delicados, e que costumava dançar para ele com os pés descalços sobre um piso decorado que tinha o desenho de uma flor de lótus.

O imperador que era fascinado pelos seus movimentos ao dançar disse que uma flor de lótus brotava de cada passo dado por ela, uma referência à lenda budista de *Padmavati*. Esta história pode ter dado origem aos termos: “lótus dourada ou pés de lótus”, usadas para descrever os pés pequenos, no entanto, não existe nenhuma evidência de que ela tivesse tido os seus pés enfaixados.

Este procedimento não visava apenas o desejo de acrescentar algo à beleza das mulheres, mas com a difusão desse costume, os pés atados tornaram-se populares e, eram vistos como um meio de conferir status às mulheres e foi aos poucos sendo adotado como um padrão de beleza na cultura chinesa. Os pés submetidos ao *footbinding* recebiam o nome de “*pés de lótus*”, devido a sua similaridade com a flor que possui o mesmo nome.

Se analisarmos o *footbinding*, assim como qualquer outra marca cultural fora do seu contexto sócio cultural, podemos cometer equívocos ao vermos nesta prática uma das formas de violência contra as mulheres, tendo em vista que elas eram submetidas a um processo tipicamente local e extremamente doloroso. *Footbinding* ocorria devido ao fato de que para a sociedade masculina chinesa, as mulheres só eram consideradas bonitas e boas candidatas a futuras esposas se tivessem os pés muito pequenos. Tratava-se de um aspecto marcante e relevante na cultura chinesa e era uma tradição passada de mãe para filha e conseqüentemente um aspecto que demonstra e reflete a forma como a mulher era vista apenas como um objeto pela sociedade da época.

O fato de o corpo feminino apresentar marcas culturais é notório e presente não só na cultura chinesa como em várias outras culturas como na Índia, com a tradição dos Bangles para as mulheres e não podendo deixar de ser citada aqui, a África com suas mulheres girafas.

Tudo isto se deve ao fato de que as mulheres que possuem qualquer uma destas marcas culturais, são mais bem vistas pela sociedade na qual estão inseridas e por que não se dizer, passam também a serem mais valorizadas pelo sexo oposto,

simplesmente pelo fato de estarem enquadradas, e porque não se dizer, por estarem dentro dos padrões de beleza impostos pela sociedade.

Tratando-se de uma sociedade patriarcal, onde todo o poder de decisão era concentrado nas mãos masculinas, a situação da mulher chinesa não teria como ser diferente, uma vez que a mesma era criada no mais severo anonimato e submissão. As meninas chinesas eram preparadas desde a mais sua tenra infância para serem obedientes primeiramente aos seus pais e irmãos e posteriormente os seu esposo, sendo assim nos questionamos quanto sofrimento foi preciso para estas mulheres agradarem e, essencialmente, para sobreviverem, sacrificando-se assim à diferença.

Todavia, não podemos desatrear a questão do enfaixamento dos pés, da obra, nem tão pouco do sócio cultural, uma vez que esse aspecto é algo peculiar da cultura chinesa e que não pode ser pensado isoladamente.

Os chefes das casas sabiam do que ocorria nos andares de chineses da parte de cima da casa, destinados apenas às mulheres, sabiam dos riscos, das mortes, do sofrimento físico e psíquico e de toda a violência sofrida pelas mulheres que o processo acarretava, porém era algo que não poderia deixar de ocorrer, mesmo que custassem vidas, lágrimas e sangue, como mostraremos mais adiante com a discussão do episódio construído pela autora See que envolve a morte da terceira irmã da personagem Lírio na obra.

No início, o *footbinding* era praticado entre as esposas e filhas. No entanto, o estilo de pés enfaixados encontrados em túmulos da dinastia Song, onde o Pododáctilo (dedão do pé) estava inclinado para cima, parece ter um formato diferente do das épocas seguintes, e a pequenez excessiva dos pés, apenas três polegadas, pode ter sido desenvolvida mais tarde, no século 16. Esta prática tornou-se cada vez mais comum nos séculos seguintes entre as famílias, difundindo-se depois para a população em geral. Outro exemplo para demonstrar o fetiche que os homens chineses tinham pelos pés femininos é que no final da dinastia Song, os homens costumavam beber em um sapato especial em que no local do calcanhar havia uma pequena taça. Durante a dinastia Yuan, alguns homens também bebiam diretamente no próprio sapato. Esta prática era chamada de "brinde para a

lótus dourada" e durou até o final da dinastia Qing, que foi a última dinastia imperial da China, período este compreendido entre os anos de 1644 até 1912.

No século 19, estima-se que 40-50% das mulheres chinesas tinham os pés amarrados, e entre as da classe alta, o percentual era de quase 100%. Ter os pés atados tornou-se uma marca de beleza e também era um pré-requisito para encontrar um marido abonado. O *footbinding* na época, também se tornou uma maneira de ajudar as mulheres mais pobres a contraírem o casamento, em Guangdong, no final do século 19, era costume de se atar os pés da filha mais velha de uma família de classe baixa que se destinava a ser criada como uma dama.

Suas irmãs mais jovens iriam crescer para se tornarem servas ou escravas domésticas e assim, serem capazes de trabalhar nos campos, mas a filha mais velha não teria necessidade de trabalhar. As mulheres da época, suas famílias e seus maridos tinham muito orgulho dos pés minúsculos, cujo comprimento ideal, chamado de "Lotus de Ouro", teria cerca de três polegadas chinesas longas (cerca de quatro polegadas (10 cm) no sistema de medida ocidental).

O fato de possuir pés pequenos era motivo de orgulho e refletia também nos calçados das moças que produziam seus sapatos e chinelos de seda de maneira muito elegante não só para serem usados especialmente na noite de núpcias, mas, para presentear o marido e os membros da sua futura família. Para elas, caminhar sobre os pés enfaixados não era algo muito fácil uma vez que quando iam caminhar, tinham que dobrar os joelhos ligeiramente e andavam balançando para poder manter a circulação sanguínea adequada e o equilíbrio, deste modo, caminhavam ainda que forçosamente de maneira delicada, o que era considerado erótico para os homens.

Muitas mulheres com pés enfaixados eram de fato capazes de se locomoverem e trabalhar nos campos de arroz, embora com certa limitação nos movimentos, ocasionada pela falta de agilidade e a dificuldade para se manterem de pé por muito tempo.

Esta prática também mudava de acordo com a região. Em Sichuan, existia um modo considerado menos agressivo, cujos pés após o processo eram chamados de

"pé de pepino" devido à sua forma similar, nesse processo, os quatro dedos eram dobrados, mas não forçava o calcanhar e estreitava o tornozelo.

Nem todas as mulheres tinham os pés atados, mas quando isso ocorria, eles permaneciam presos durante toda a sua vida, mas alguns foram atados apenas de forma breve, e alguns ficavam ligados apenas até o casamento. *Footbinding* era mais comum entre as mulheres que trabalhavam com artesanatos e que residiam nas áreas urbanas, sendo mais comuns no norte da China, onde foi amplamente praticado por mulheres de todas as classes sociais, mas nem tanto nas partes do sul da China onde a prática foi adotada por mulheres nas capitais provinciais ou entre a parte mais nobre.

Porém pelo procedimento doloroso e em alguns casos até fatal, várias tentativas foram feitas para acabar com essa prática. Logo por volta do ano de 1664, o imperador Kangxi tentou proibir este costume, mas não conseguiu. Os reformistas e intelectuais chineses começaram a considerar que essa prática precisava ser extinta dentro da cultura. Em 1883, Kang Youwei fundou a sociedade 'anti-footbinding' para condenar a prática, e as sociedades se alastraram pelo país.

Durante a última dinastia chinesa Qing, deu-se início a tentativa de banir esta prática, mas por se tratar de algo que já estava bastante enraizado na sociedade chinesa, não surtiu qualquer efeito e as mães de família continuaram a enfaixar os pés das suas filhas, na esperança de lhes assegurar um futuro promissor através do casamento com um homem rico. No século 19 teve início o processo de suspensão. Em 1911, a tradição foi proibida e as mulheres foram obrigadas a retirar as bandagens dos pés. Contudo, em algumas comunidades rurais, as filhas de camponeses ainda mantiveram a tradição, os reformadores chineses objetaram a prática, mas não obtiveram êxito.

Este costume só foi abolido em definitivo, quando o regime comunista assumiu o poder em 1949. Repentinamente e com a reforma de regime, estas mulheres que haviam sido submetidas a este exercício, passaram a ser objeto de escárnio, sendo até mesmo ridicularizadas pela sua forma de andar fato este, que ocorre até os dias atuais por parte da população mais jovem. Em 1912, a nova República Popular da China proibiu a ligação dos pés (embora não

implementada ativamente), a campanha contra *footbinding* foi muito bem sucedida em algumas regiões; em uma província, um estudo do ano de 1929 mostrou que, enquanto apenas 2,3% das meninas nascidas antes de 1910 tinham pés não ligados, 95% daquelas nascidas depois não tinham os pés atados.

A prática, porém persistiu em algumas regiões da China; em 1928, uma pesquisa feita na zona rural de Shanxi descobriu que 18% das mulheres tinham sido compelidas a atarem seus pés, enquanto que em algumas áreas rurais remotas, continuou a ser praticada até a década de 1950. Essa técnica ao se espalhar, provocou uma redução da produtividade econômica rural das mulheres chinesas; algumas delas ainda conseguiam trabalhar nos campos, mas com os pés ligados, essas atividades, tornavam-se cada vez mais complicadas, uma vez que elas não conseguiam se deslocar de modo ágil.

Na maior parte do China, no entanto, a prática tinha praticamente desaparecido em 1949 e os últimos vestígios foram erradicados, tendo sido relatado o último caso do *footbinding* em 1957. Até o século 21, apenas algumas mulheres idosas na China ainda tinham os pés enfaixados. No ano de 1999, a última fábrica de calçados para os *pés de lótus*, a fábrica de sapatos Zhiqiang, localizada em Harbin, foi fechada, pela falta de consumidores destes minúsculos sapatos, conforme Ko (2008, p.266).

A postura de missionários europeus contrários ao atamento dos pés pela intervenção política também ajudou para extinção dessas praticas. Com a abertura da China, velhos hábitos foram deixados para trás para mostrar que hoje existe uma China moderna.

A oposição aos pés enfaixados ocorreu tanto dentro quanto fora da China ao longo de diferentes períodos de tempo e por diferentes governantes. Infelizmente, parece que esses líderes não foram capazes de criar as condições sociais, econômicas e políticas possíveis para que as sucessivas gerações pudessem acabar com a prática completamente. O *footbinding* terminou aos poucos, em etapas que envolveram éditos imperiais e campanhas de organizações ocidentais cristãs missionárias que tiveram início no final do século 19. A ex-República da China (1911-1925) proibiu o método de amarrar os pés das mulheres (embora

muitas mulheres e meninas ainda tinham seus pés atados pelas suas famílias de qualquer maneira). E também contribuía para a redução das oportunidades sociais para as mulheres e a luta pelo fim deste procedimento surgiu através do desenvolvimento económico e, finalmente com a gestão do Partido Comunista sob o comando de Mao Tsé Sung.

1.4.3. O “Footbinding” – um acontecimento social como padrão de beleza e bom casamento

Dentro do universo cultural chinês, vários costumes eram de certo modo, impostos aos membros das famílias, especialmente as mulheres. Verdade que ao tomarmos conhecimento de alguns deles, tendemos a nos posicionar contra ao que para nos ocidentais é visto como algo extremamente cruel ou até mesmo inaceitável.

Em se tratando do processo de *Footbinding*, esse julgamento feito por nós não é diferente dada à forma como é feito e principalmente por ser executado pela mãe nas suas filhas pequenas. Porém, precisamos encarar o fato de que se tratava de um acontecimento social de grande importância para as famílias e conseqüentemente para as meninas e que dele dependia de maneira muito incisiva, o futuro dessas chinesas.

Como já foi dito anteriormente, o processo de bandagem dos pés era algo que envolvia toda a casa, especialmente as mulheres por serem elas as responsáveis diretas por todo o processo, incluindo o antes e o depois, o que exigia delas uma grande dedicação e esforço para que tudo fosse feito da melhor maneira possível de modo que o resultado final trouxesse como forma de troféu, pés perfeitos e delicados que ocasionariam e propiciariam um casamento com alguém de nível superior visando uma boa condição de vida para as meninas e suas famílias.

Esse fato de ter os pés minúsculos dentro da cultura chinesa significava que as meninas eram sadias, bem educadas e que por este motivo, seriam subservientes aos seus maridos procurando ser excelentes esposas, era algo relacionado ao conceito de belo para os chineses.

Os pés minúsculos exerciam um fascínio nos homens e estava atrelado a uma questão de sorte para elas uma vez que se algo desse errado no processo e os

pés fossem num tamanho maior do que o imposto pela sociedade ou deformados, seria um motivo de grande tristeza para as meninas e suas famílias.

Isso significava que elas não casariam bem, podendo casar-se com homens de condição financeira inferior ou até mesmo com algum homem que tivesse uma profissão considerada amaldiçoada pelos chineses com no caso de um açougueiro, que era visto com repúdio, por matar animais de sangue quente, algo abominável para os chineses.

CAPÍTULO II *SNOW FLOWER AND THE SECRET FAN*: UM MERGULHO NO MUNDO FICCIONAL E OS COSTUMES FEMININOS CHINESES.

2.1. O LAR DE FLOR DA NEVE: O QUARTO FEMININO, RELAÇÃO DE RESPEITO E LIBERDADE

A estrutura da família chinesa muito se difere da estrutura familiar brasileira. A história chinesa mostra que ela não estava atrelada a posição social da família especialmente no que diz respeito à forma como a estrutura da casa encontra-se dividida em duas partes. Conforme constatamos na obra, a casa da personagem central Lírio é dividida em dois andares representando liberdade e respeito para ambos os gêneros.

As mulheres enquanto crianças repartiam os ambientes da casa com todos os membros da família, inclusive os homens. Porém, quando se aproximava a idade delas serem submetidas ao processo de *footbinding*, por volta dos seis anos, elas sabiam que deveriam aproveitar ao máximo os demais ambientes dentro da casa e fora dela, uma vez que elas seriam transferidas e passariam a residir no andar de cima da casa, até o casamento.

Nesse ambiente elas eram educadas, dividiam suas experiências e se preparavam para a futura vida de casada, podemos ver isso na criação da cena na obra de See:

No decorrer do ano seguinte, a minha educação no aposento das mulheres começou com grande seriedade, mas eu já sabia muita coisa. Eu sabia que os homens raramente entravam nos aposentos das mulheres; que era um lugar só para nós, onde podíamos fazer nosso trabalho e compartilhar nossos pensamentos. Eu sabia que iria passar quase toda a minha vida em um quarto como aquele [...] Quer você seja rico ou pobre, imperador ou escravo, a esfera doméstica pertence às mulheres e a esfera exterior, aos homens. As mulheres não devem sair dos cômodos internos nem nos seus pensamentos nem em suas ações.⁶

Percebemos assim que não só a separação dos andares, mas também as outras partes da casa são dispostas de modo diferente das casas que costumamos visitar e residir dentro da nossa cultura. Bem no início da obra a escritora destaca este fato quando Lírio ainda criança, descreve sua residência.

⁶ Em todas as citações correspondentes a análise da obra, foi utilizada a tradução feita por Castro, 2005.

A casa da família era típica no sentido de ter dois andares e estar virada para o sul. Um quarto no andar superior era designado para as mulheres e as meninas solteiras dormirem. Quartos para cada unidade familiar e um quarto especial para os nossos animais cercavam o salão principal no térreo, onde cestas cheias de ovos ou laranjas e cordas de pimentas pendiam da viga central para mantê-los a salvo de ratos, galinhas e porcos.⁷

Notamos que essa era uma estrutura praticamente fixa em todas as casas ressaltando que se houvesse alguma modificação, elas estava relacionada à mobília, que poderia ser mais simples ou sofisticada de acordo, com as posses da família.

2.1.2. O companheirismo: Relacionamento laotong entre mulheres e o papel da família

Devido aos costumes culturais, as mulheres viviam em ambientes afastados dos homens, conforme já mencionamos. Isso serve para elucidar de maneira muito particular, o respeito que os homens nutriam pelas mulheres e pelos espaços femininos, não só por suas esposas, mas pelas demais familiares do sexo feminino e também por todas as mulheres de um modo geral.

Isso nos mostra, conforme encontramos trechos na obra que mesmo sendo submissas aos seus maridos e vivendo em ambientes separados, a figura masculina representa para elas segurança e provisão. Deste modo, elas sabem que mesmo residindo em ambientes separados, elas sempre serão respeitadas e cuidadas por eles, mostrando assim que o homem dentro de casa e na família exerce, indubitavelmente, o seu papel primordial de provedor e de protetor da sua família, conforme fragmento a seguir, onde vemos a rotina dos homens da casa e suas atividades diárias que muito difere das atividades femininas:

Nós corremos para o beco até encontrar meu irmão conduzindo uma família de búfalos até o rio. Ele montou sobre os largos ombros do animal, com uma perna dobrada debaixo dele, e a outra saltando sobre os flancos do animal. [...] Nós não vimos nenhum adulto, os homens trabalhavam no

⁷ My family home was typical in the sense that it had two stories and faced south. A room upstairs was designated for women's gathering and for unmarried girls to sleep. Rooms for each family unit and a special room for our animals flanked the downstairs main room, where baskets filled with eggs or oranges and strings of drying chilies hung from the central beam to keep them safe from mice, chickens, or roaming pig (SEE, 2006, p. 9).

campo e as mulheres ficavam em seus aposentos no andar de cima por trás das janelas [...] ⁸

Verificamos, portanto, que o fato de terem quartos isolados dos homens nos mostra que esse ambiente era usado por elas de maneira muito particular, era o lugar onde elas tinham liberdade e tempo para se prepararem para o seu futuro, onde aprendiam a bordar, costurar, tinham aulas sobre *Nu Shu*, era um ambiente quase que sagrado, era nesse espaço que elas vivenciavam todas as emoções e expectativas futuras.

Porém, era no andar de cima que elas compartilhavam seus momentos, mas principalmente aquele era o espaço da casa em que elas usufruíam da pouca liberdade que possuíam, era algo só delas, onde os homens não entravam e lá elas podiam sorrir de modo menos discreto, falar dos assuntos de mulheres, das suas experiências, era nesse espaço recluso que elas aprendiam e escreviam seus poemas, suas correspondências para suas irmãs juradas e para sua *laotong*, no caso de Lírio.

A obra aborda esse espaço particular das mulheres em vários momentos. Em um deles, a autora apresenta o lar onde às meninas como Lírio e suas irmãs crescem um ambiente simples, mas que nos permite identificar o companheirismo e a intimidade entre as mulheres que moravam na mesma casa. Conforme citação: “[...] eu estava deitada entre Irmã Mais Velha e Terceira Irmã. Olhei para a cama da minha prima do outro lado do quarto. Lua Linda, que tinha a minha idade, ainda não estava acordada [...]”⁹ (CASTRO, 2005, p.10).

O outro momento marcante é quando a personagem Lírio dirige-se a casa de sua amiga, Flor da Neve, onde podemos perceber que a condição social da família da mulher chinesa, não interfere na divisão dos espaços da casa, sendo a mesma para todas as classes. Vejamos o trecho: “[...] ela segurou minha mão, me ajudou a subir o último degrau e me levou para os aposentos das mulheres. Pude ver que um dia ele tinha sido encantador [...]”¹⁰ (CASTRO, 2005, p. 150).

⁸ We scurried down the alley until we found my brother taking the family water buffalo down to the river. He rode on the beast's broad shoulders, one leg tucked under him, the other bouncing on the animal's flanks [...] we didn't see any adult - the men worked in the field and the women stayed in their upstairs chambers behind lattice windows [...] (SEE, 2006,p.15).

⁹ I lay between elder sister and third sister. I glanced across the room to my cousin in bed. Beautiful moon, who was my age, hadn't woken up... (see,p.10)

¹⁰ ... she took my hand, helded me up the final step, and let me into the women's chamber. I could see that it too had been lovely at one time... (SEE, p.119)

Este período da vida para elas resumia-se em contemplar o horizonte através das janelas do quarto, pois o seu mundo interior era pormenorizadamente complementado pelas narrativas efetuadas de suas irmãs já casadas, assim como pelas outras visitas ali recebidas e através das partilhas ouvidas por elas sobre as outras esferas da sociedade, muitas dessas partilhas abrangiam relatos descritos pelos homens da família em seus raros momentos de convívio coloquial com elas, especialmente na hora das refeições, uma vez que após se alimentarem as mulheres da casa voltavam para seus quartos separados, restando apenas um pouco de liberdade para as crianças. Conforme o trecho abaixo:

Tia colocou as tigelas na mesa e serviu o congee, enquanto Mama amamentava o bebê. Depois que comeram, meu pai e meu tio partiram para os campos, e minha mãe, titia, avó, e irmã mais velha subiram para o quarto das mulheres. [...] Uma vez feita as nossas tarefas, o nosso pequeno quarteto explorou a aldeia, indo para cima e para baixo passando pelos becos entre as casas até que nos deparamos com algumas outras meninas pulando corda. Meu irmão parou, pegou o bebê, e deixou eu ir também. Em seguida, fomos para casa para o almoço - algo simples, arroz e apenas vegetais. Depois, Irmão mais velho saiu com os homens, e nós subimos para o descanso.¹¹

2.1.3 O lar de Lírio como um campo de batalha: a questão da classe social e machismo

O contexto histórico e a época abordada por See na sua obra referem-se ao período que compreende uma sociedade puramente machista e patriarcal. A ideologia do machismo está enraizada nas raízes culturais das mais diversas sociedades há séculos, e que engloba e interfere no sistema econômico e político mundial, como nas religiões, na mídia e na essência da família, este último apoiado em um regime patriarcal, onde a figura masculina representa a liderança.

Neste cenário, a mulher encontra-se num estado de submissão ao homem, perdendo o seu direito de livre expressão ou sendo forçada pela sociedade machista a servir e assistir as vontades do marido ou do pai, caracterizando um tradicional

¹¹ Aunt put bowls on the table and spooned out the *congee*, while Mama nursed the baby. After we ate, my father and my uncle set out for the fields, and my mother, aunt, grandmother, and old sister went upstairs to the women's chamber. [...] Once done with our chores, our little foursome explored the village, going up and down the alleys between the houses until we came across some other girls jumping rope. My brother stopped, took the baby, and let me jump too. Then we went home for lunch – something simple, rice and vegetables only. Afterward, Elder Brother left with the men, and the rest of us went upstairs. (SEE, 2005, p. 12-13)

regime patriarcal. Porém algo nos chama a atenção sobre algumas figuras principais da obra, e está relacionado à forma como elas conseguem se impor dentro de um lar que deveria ser supostamente controlado pela figura do masculino e combatem o machismo de maneira sutil.

Isso nos leva a princípio a refletirmos sobre o comportamento e o poder de persuasão que a mãe de Lírio tem dentro da família, apesar de a vermos algumas vezes como alguém completamente sem voz, percebemos que nos momentos em que algo importante para a família precisa ser resolvido, a palavra quase que final compete a ela.

No episódio onde começam as negociações para que Lírio se torne *Laotong* de Flor da Neve, vemos isso de maneira muito clara. A casamenteira aconselha a mãe, de maneira muito delicada, a deixar para advogar uma decisão do seu esposo quando já estiverem na cama, mostrando assim que aquela mulher tão submissa sabe perfeitamente utilizar dos seus dotes e artimanhas para envolver seu esposo num momento de intimidade, fazendo com que ele dê sua permissão para que tudo possa ser acordado.

Eu considero isto uma decisão de mulher, uma das poucas que você pode fazer por sua filha, e talvez pela sua sobrinha também. No entanto, o pai deve concordar também, antes que você possa ir adiante. Mãe, eu vou lhe deixar com um último conselho: Use o seu tempo de cama para pleitear esta causa ¹².

O alerta feito pela casamenteira à mãe de Lírio: “uma das poucas coisas que você pode fazer pela sua filha, e talvez pela sua sobrinha”, mostra que somente em casos como estes a mulher podia influenciar na decisão do homem. Nestas ocasiões a autora aproveita para mostrar que a mulher dentro do seu lar é ciente do seu papel de esposa e o exerce muito bem, assim como administra o seu lar, essa pessoa subserviente, toma partido nas decisões da casa e é a responsável pelo acontecimento mais importante da sua casa que é o *footbinding* de suas filhas. Ela decide o dia, organiza tudo e ainda executa o processo. Demonstrando assim que aquela vista pela sociedade como a mais frágil é capaz de agir nos momentos oportunos, sendo ciente do grau de responsabilidade ao executar o processo, assim

¹² I consider this a woman's decisions, one of the few you can make for your daughter, and perhaps for your niece as well. Nevertheless, Father must agree too, before you can go any further. Mother, I will leave you with one final piece of advice: Use your bed time to plead your case (SEE, 2005, p. 42).

como tendo pleno conhecimento do grau de visibilidade que suas filhas terão dentro da cultura caso realize o processo de maneira impecável e faz com que os pés de suas filhas se tornem minúsculos e perfeitos.

O lar de Lírio não representa apenas o espaço físico feito com paredes que dividem a casa com uma estrutura diferenciada, mas também o espaço sócio cultural onde as decisões são tomadas, mas retrata uma hierarquia masculina não exercida na sua totalidade, representa e traz com ele, tudo aquilo que envolve o convívio e a vida da personagem.

É justamente neste espaço que ultrapassa as paredes, que questões são resolvidas, às negociações para os casamentos são discutidas, acordos entre as famílias são formados, crises financeiras são superadas com dialogo aberto, tudo isso nos mostra que essas mulheres que aparentemente tinham uma vida restrita não só no que envolve as questões relativas a direitos e deveres, são donas do lar, e também são preparadas para uma vida com suas limitações.

Vários são os dilemas enfrentados por essas mulheres subalternas dentro da cultura, como o silenciamento, casamentos impostos, privação do convívio na sociedade, dentre outros, fato esse que também ocorre com Lírio e as demais mulheres da obra, indicando que elas necessitam de uma voz, mas não uma voz autoritária, essas questões de lutas, nos leva a ver que tudo que essas mulheres chinesas de épocas passadas, assim como da atualidade desejam é que suas angústias e dores sejam ouvidas. Ressaltando o fato de que nem sempre esse silêncio feminino é um indicativo de conformismo, submissão ou conivência, muitas vezes ele representa como no caso das nossas personagens, que elas silenciam justamente por ser esse o comportamento exigido a elas, dentro da sua cultura.

2.2. O COMPANHEIRISMO ATRAVÉS DO RELACIONAMENTO “LAOTONG”

Esse outro costume cultural de encontrar para as meninas, uma irmã *laotong*, contribuía para que ela não se sentisse tão sozinha e isolada durante sua vida. Para a escolha dessa “irmã jurada”, existia todo um processo de seleção, não era algo que a menina chinesa pudesse escolher, mas era algo também arranjado, e foi através deste contrato que Lírio e Flor da Neve, desenvolveram essa linda amizade. Lisa See sabia que a maioria dos americanos e dos outros leitores do seu romance não são familiarizados com este tipo de relacionamento entre meninas. Deste modo,

ela explica o costume na obra e o compara com outro costume de “irmandade jurada” que era mais comum, da seguinte forma:

Um relacionamento *laotong* era completamente diferente de uma irmandade juramentada. Ele envolvia duas meninas de diferentes aldeias e durava toda a sua vida, enquanto uma irmandade jurada era composta de várias meninas e era disfeito com o casamento. Nunca na minha vida curta eu conheci uma *laotong* ou consideraria o fato de vir a ter uma. Quando meninas, minha mãe e minha tia tinham irmãs juradas em suas aldeias de origem. Irmã mais velha agora tinha irmãs juradas, enquanto minha avó tinha amigas viúvas da aldeia do seu marido como irmãs juradas da tarde-vida¹³.

Como podemos ver ao fazê-lo ela tenta preencher o espaço entre a história e o texto literário.

Também como a autora tece o romance ela mostra a importância dessa amizade e seu valor sociocultural, o voto de amizade eterna entre duas meninas que é considerado mais importante do que até o próprio casamento. Muito mais do que o sistema de casamento o *laotong* visava o companheirismo, o dividir a vida, as aflições, as angústias e os sonhos dessas meninas que eram consagradas uma a outra. Já o casamento como um sistema sociocultural e político, em muitas sociedades incluindo a China não exigia fidelidade da parte do homem, que poderia contar com a presença de concubinas e outras mulheres, caso não estivesse satisfeito com sua esposa.

Essa solidariedade era algo que possibilitava a elas um grau de intimidade, que elas chegavam a se conhecer melhor uma a outra do que até mesmo seus maridos as conheciam.

Foi através de versos escritos em *Nu Shu* em um leque que teve início essa relação de amizade, de amor profundo e de compromisso eterno entre elas. Numa resposta à Flor da Neve, à escrita de Lírio mostra o compromisso firmado como *laotong* entre ela e Flor da Neve:

Eu escrevo para você. Por favor, me escute. Embora eu seja pobre e inadequada, embora eu não seja digna da alta porção da sua família. Eu

¹³ A *laotong* relationship was completely different from a sworn sisterhood. It involved two girls from different villages and lasted their entire life, while a sworn sisterhood was made up of several girls and dissolved at marriage. Never in my short life I met a *laotong* or considered that I might have one. As girls, my mother and aunt had sworn sisters in their home villages. Elder Sister now had sworn sisters, while grandmother had widow friends from her husband's village as late-life sworn sisters. (SEE, P. 22)

escrevo hoje para dizer que o nosso encontro estava predestinado. Suas palavras enchem o meu coração. Somos um par de patos mandarim. Somos uma ponte sobre o rio. Pessoas de todas as partes vão invejar o nosso relacionamento. Sim, meu coração deseja de verdade ir com você.¹⁴

Além disso, o trecho mostra que a diferença entre classes sociais é percebida, mas não interfere na sua amizade. Lírio associa a relação de amizade entre elas, como dois “patos”, ou seja, de uma maneira pura e inocente. Deste modo, teve início essa amizade singela entre as duas pequenas chinesas, que apesar de ainda não se conhecerem, já tinham um grande carinho uma pela outra, já trocavam presentes e mensagens, seus pensamentos e vontades coincidiam e a solidão que em alguns momentos era cruel, poderia ser agora aliviada através da escrita feita nos leques. E foi assim, que elas, num dia de passeio, sempre sob a supervisão de uma mulher mais velha, no caso, Madame Wang, redigiram seu contrato de amizade usando a mesma escrita que as aproximou e as manteve unidas durante toda a vida, ainda que em aldeias distantes, condições sociais diferentes e casas separadas.

Nós, senhorita Flor da Neve do vilarejo de Tongkou e senhorita Lírio do vilarejo de Puwei, seremos verdadeiras uma com a outra. Vamos nos confortar com palavras gentis. Vamos facilitar o coração uma da outra. Vamos sussurrar e bordar juntas nos aposentos das mulheres. Vamos praticar as Três Obediências e as Quatro Virtudes. Vamos seguir as instruções de Confúcio como encontrada no clássico das mulheres para se comportarem como boas mulheres. Neste dia, eu, Senhorita Flor de Neve e senhorita Lírio, trocamos palavras verdadeiras. Nós juramos uma ligação. Por dez mil anos, seremos como dois rios que desaguam em um rio. Há dez mil anos, seremos como duas flores no mesmo jardim. Nunca daremos um passo na frente da outra, nunca diremos uma palavra dura entre nós. Seremos iguais até morrer. Nossos corações estão contentes.¹⁴

O laço de companheirismo que foi se construindo entre as duas personagens principais da obra, nos proporcionam uma verdadeira imersão na cultura da china, percebemos principalmente como esses laços são tecidos ao longo da vida de ambas, com o passar do tempo, as duas meninas, começam a se corresponderem

¹⁴ We, Miss Snow Flower of Tongkou Village and Miss Lily of Puwei Village, will be true to each other. We will comfort each other with kind words. We will ease each other's hearts. We will whisper and embroider together in the women's chamber. We will practice the Three Obediences and the Four Virtues. We will follow Confucian instruction as found in The Women's Classic by behaving as good women. On this day, we, Miss Snow Flower and Miss Lily, haven spoken true words. We swear a bond. For ten thousand li, we will be like two streams flowing into one river. For ten thousand years, we will be like two flowers in the same garden. Never a step apart, never a harsh word between us. We will be old sames until we die. Our hearts are glad (SEE, p. 52)

de forma mais intensa, utilizando a escrita *Nu Shu*, a trocaram presentes e a partilharem nos seus leques, seus sonhos de amizade eterna.

Apesar de serem de condições sociais diferentes, um fato aqui nos chama atenção, que é o cuidado que os mais velhos têm com as crianças, por diversas vezes, Flor da Neve é levada até a casa de Lírio, para passar dias, porém em nenhum momento, ela que ainda é criança, é deixada sozinha, ou se desloca até a casa de sua amiga sem ser acompanhada por um adulto, o mesmo ocorre, quando Lírio vai até sua casa, repetindo-se o mesmo fato, quando as duas dirigem-se ao templo, na companhia da Madame Wang.

Outro aspecto marcante está relacionado à forma como elas são recebidas nessas visitas, à família as tratam de maneira gentil, oferecendo mudas de roupa, água limpa para que possam se banhar, artigos de higiene, sempre zelando pela sua integridade e bem-estar.

Mama saiu para nos receber. Ela me beijou; em seguida, ela colocou um braço em volta dos ombros de Flor da Neve e guiou-a sobre o ponto inicial para a nossa casa. Enquanto estávamos fora, Mama, tia e irmã mais velha haviam trabalhado duro para arrumar o quarto principal. Todo o lixo foi removido, as roupas foram penduradas, e os pratos arrumados. Nosso piso de terra batida tinha sido varrido e foi aspergida água sobre ele para socá-lo para baixo e torná-lo mais fresco.¹⁵

Percebemos então que essa modalidade secreta de escrita, esta relacionada de forma muito acentuada com dois tipos de relações centrais da obra, conforme declaração da autora em sua página pessoal e de acordo com passagens da obra. Uma dessas relações às quais ela se refere é a “irmandade jurada”, ou seja, o momento em que era feito o acordo entre as meninas do período e elas se tornavam “irmãs juradas”, fato este que também ocorreu com as personagens centrais da obra. Nos momentos que estavam juntas, elas aproveitavam estes momentos, para desenvolverem as técnicas de escrita juntas, para descobrirem e inventarem novos símbolos em *Nu Shu*.

Deste modo, aos poucos, elas iam construindo seus diários, e no tempo certo, preparavam seus livros de casamento e o de suas amigas, com canções, poemas e

¹⁵ Mama came out to greet us. She kissed me; then she put an arm around Snow Flower’s shoulders and guided her over the threshold into our home. While we were gone, Mama, Aunt, and Elder Sister had worked hard to tidy the main room. All trash had been removed, hanging clothes taken down, and dishes put away. Our hard-packed dirt floor had been swept and water sprinkled on it to a tamp it down and make it cooler. (SEE, P. 55)

elogios, como uma forma de exaltar as qualidades daquelas que iriam casar. Foi por meio dessa escrita que Lírio e Flor da Neve, assim como as demais mulheres da obra, se corresponderam durante toda a sua vida, falando sobre os acontecimentos que as marcaram, retratando assim nos seus leques, fatos de toda uma vida. Vejamos abaixo um trecho da obra em que a irmã de Lírio após seu casamento, escreve para a sua família, retratando como se sente triste com a falta da família e com o tratamento recebido na casa dos seus sogros.

Família, hoje eu peguei um pincel, e meu coração voa para casa. Para minha família eu escrevo – lembranças aos meus queridos pais, tia e tio. Quando penso nos dias passados, minhas lágrimas não param de cair. Eu ainda me sinto triste por ter deixado a casa. Minha barriga está imensa por causa do bebê e sinto muito calor com este clima. A família do meu marido é vingativa. Eu faço todo o trabalho doméstico. Neste calor é impossível agradar. Irmã, prima, cuide da nossa mãe e do nosso pai. Nós mulheres só podemos desejar que nossos pais vivessem por muitos anos. Assim teremos um lugar para o qual retornar nos festivais. Em nossa casa Natal, teremos sempre pessoas que nos apreciam. Por favor, sejam boas para nossos pais. Sua filha, irmã e prima.¹⁶

A outra modalidade de relação, também comentada pela See, foi denominada como “*laotong-old*”. Esta relação era firmada quando a menina estivesse perto de completar sete anos de idade e com isso estaria próxima de iniciar seu processo de *footbinding*, a família contava com a ajuda e as habilidades de uma casamenteira para encontrar um marido adequado para sua filha, como também para procurar outra menina que tivesse as mesmas oito características que pudesse coincidir com as da sua filha. As duas meninas tinham que ter nascido na mesma data, terem nascido na mesma ordem em ambas às famílias, possuir os pés semelhantes e do mesmo tamanho. Obviamente, isso era muito mais fácil de encontrar se a busca fosse realizada nas outras aldeias do que se ficasse restrita apenas as outras meninas na mesma aldeia.

Se as exigências fossem cumpridas, e aprovada à realização do contrato pelo pai das meninas, as partes envolvidas deveriam se encontrar para assinar um contrato combinando-as para a vida como um par de velhas-iguais. Aos dezessete

¹⁶ Family, today I pick up a brush, and my heart flies away home. To my family I write – regards to dear parents, aunt, and uncle. When I think of past days, my tears cannot stop falling down. I still feel sad to have left home. My stomach is big with baby and I am so hot in this weather. My in-laws are spiteful. I do all the household work. In this heat it is impossible to please. Sister, cousin, take care of Mama and Baba. We women can only hope that our parents will live many years. That way we will have a place to return for festivals. In our Natal home, we will always have people who treasure us. Please be good to our parents. Your daughter, sister, and cousin (SEE, p. 93).

anos, as meninas se casariam com alguém de fora das suas aldeias, para procriarem, e seguir o curso normal de suas vidas, porém, elas continuariam a manter contato com a sua “*laotong*” através da sua escrita e se encontrando sempre que possível, como um momento de descanso e de partilha de suas vidas. Este tipo de relação era vista como um "casamento emocional" entre elas e ao contrário do matrimônio, não era permitido concubinas.

2.3. *NU SHU* - A ESCRITA FEMININA: COMO UM MEIO DE COMUNICAÇÃO ENTRE AS DUAS MENINAS

Sempre que um determinado autor decide dedicar seu tempo à escrita de uma determinada obra, não importando seu gênero, entra em cena sua imaginação, suas experiências pessoais e sociais, suas intenções, objetivos e também os temas que ele deseja abordar. Com a nossa autora, não ocorreu diferente, a romancista nasceu em Paris, mas foi criada na cidade de Los Angeles, Estados Unidos. Neta de um patriarca chinês (Fong Sé) See foi educada no seio de uma família chinesa. Deste modo, conviveu com a mistura da influência cultural chinesa e norte americana. Vivendo no mundo diferente da China ela percebia o olhar curioso daqueles com quem cresceu isso explica o seu interesse pela sua cultura, assim como o domínio de vários aspectos relacionados a esta cultura milenar. Vários destes aspectos são encontrados e exemplificados em outras de suas produções como *On Gold Mountain: The One-Hundred-Year Odyssey of My Chinese American Family* (1995), um relato sobre a vida e a obra do seu grande avô Fong, que deixa sua terra natal a china e vem para a sua nova pátria os Estados Unidos na condição de imigrante.

A obra de See é ambientada na China do século XIX, em um município remoto de Hunan, conforme observa Jess Olsen:

The story of the novel is focused on the relationship that Lily has with her *laotong*, Snow Flower. The word *laotong* means “old same” or “perfect match” (Brickman: 2005). The purpose of the *laotong* was to act as soul mates throughout life and help one another through the sorrows and joys of life (Long). In fact, unlike other relationships a woman had in life, a *laotong* was not absolved at marriage. (See 315). The two women who were “Perfect match” would remain friends until death.

Lírio e Flor da Neve estão emparelhadas como *laotongs* desde criança. Tendo como foco a longa amizade entre estas duas meninas de status social, e classe

econômica totalmente diferente, a autora tenta mostrar a importância da amizade entre pessoas do mesmo sexo como um aspecto típico da cultura chinesa. Através desta amizade elas desenvolvem a comunicação contínua, por meio de “*Nu Shu*”, um tipo de escrita, a única linguagem que as mulheres chinesas criaram para se comunicar em segredo, longe da influência dos homens.

Lisa See usa a mesma linguagem para mostrar os aspectos sócio-culturais quando apresenta as duas amigas enviando mensagens sobre seus leques, compondo histórias sobre lenços, chegando assim a saírem do isolamento para compartilhar suas esperanças, sonhos e realizações. A obra apresenta com todos os detalhes o costume de enfaixamento dos pés e o mundo das mulheres chinesas.

A obra de See foi recebida de maneira satisfatória tanto pelo leitor quanto pela academia. O diretor Wayne Wang produziu um filme baseado na obra preservando até o título dado por See, “*Snow Flower and the Secret Fan*”, que é uma adaptação cinematográfica do romance de Lisa See reescrito para o cinema pelos escritores Angela Workman, Ron Bass e Michael K. Ray. O filme revela histórias paralelas entre a China do século 19 e hoje Shanghai – apresentando duas mulheres unidas por *laotong* - um voto vinculativo, como um contrato para que fossem amigas eternas e compartilhassem a vida uma da outra. Porém alguns aspectos culturais foram perdidos nessa adaptação.

A autora põe em questão, em seu romance, alguns temas embutidos na cultura chinesa, que um estudioso dessa cultura não pode e nem deve deixar de abordar e refletir sobre elas.

O título da obra apresenta uma carga intensa das escolhas da escritora. Isso não parece estranho porque Lisa See, escritora americana e romancista, sempre demonstrou um forte interesse pela cultura chinesa, motivada por seus antepassados, ela tenta explorar mais estes costumes do que escondê-los. A escolha da segunda parte do título “*the Secret Fan*”, evidencia uma relação mais íntima com os costumes e a obra, principalmente no que diz respeito à escrita feita pelas mulheres usando uma linguagem secreta. Na capa da obra original, essa escrita apresenta-se feita em um leque intitulado pela autora como o leque secreto, justamente por carregar nele os segredos, as alegrias e as lamentações femininas. Como podemos observar na imagem a seguir:

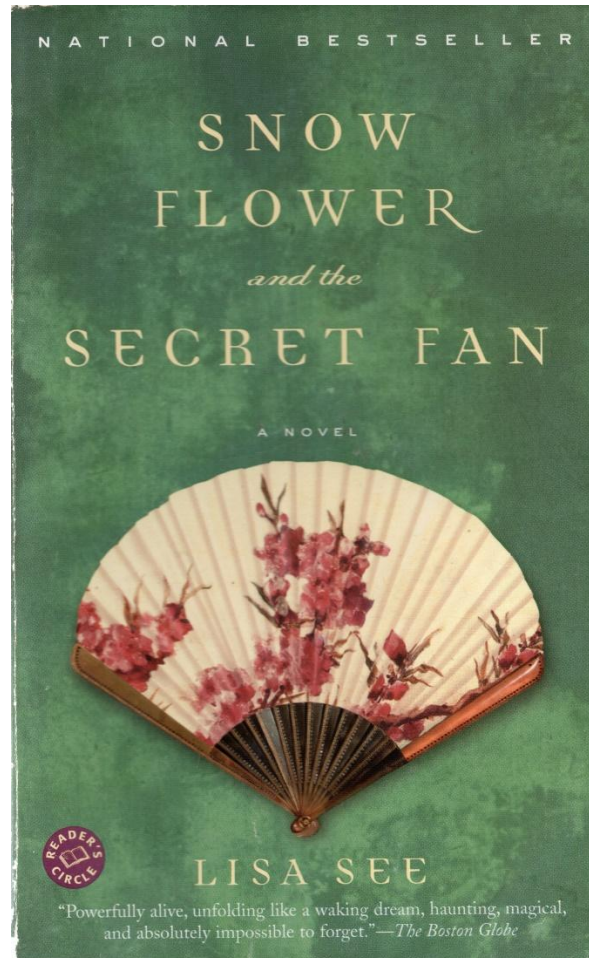


Imagem 4 – Capa do livro “Snow Flower and the Secret Fan”

Com a capa a autora mostra seu foco ou seu tema principal que sem dúvida é a escrita feminina chamada “Nu Shu”. E Nu Shu ganha um espaço de destaque na obra, dada à expressividade da autora. Podemos perceber que a capa transmite seu desejo de revelar esta arte da escrita, usada pelas mulheres chinesas durante séculos. Os símbolos fonéticos são transcritos no leque (que também simboliza o feminino), a primeira vista parece estranho e chama atenção do leitor que não é familiarizado com essa escrita. A curiosidade do leitor é satisfeita somente quando ele começa a virar as páginas do romance. O mistério é decifrado na página 24, quando a personagem Lírio menciona pela primeira vez essa escrita declarando que a tia dela desejava trazer a escrita para a vida das meninas naquela casa. Como podemos ver na obra:

O mais importante é que minha tia começou a me ensinar *Nu Shu* [...] mas minha tia estava na verdade torcendo para trazer a escrita secreta para as nossas vidas, para que Lua Linda e eu pudéssemos compartilhá-la para sempre [...].

No desenvolver da obra percebemos que a mulher chinesa se sentia muito só, especialmente depois de casar quando mudava de residência, deixando de lado sua família e passando a residir com a família do seu esposo, que até então era totalmente estranha para ela. Porque os casamentos eram arranjados, de acordo com as posses das famílias e as tribos. No romance de See, as duas personagens principais, Lírio e Flor da Neve, tiveram seus casamentos acertados, de acordo com as posses da família, por sugestão de uma velha casamenteira chamada Madame Wang, que não age com honestidade e engana as famílias.

Quando crianças, essa solidão não era muito sentida, uma vez que as mulheres, apesar de viverem em um espaço reservado da casa, que de certa maneira, isolava os homens e as mulheres, estavam sempre juntas, realizando atividades domésticas, bordando seus enxovais de casamento, cantando e aprendendo a escrita secreta conforme já mencionado, chamada de *Nu Shu*, destinada apenas ao sexo feminino, por sinal, a única escrita utilizada exclusivamente por mulheres que se tem notícia em toda a história.

Todos os acontecimentos que ocorriam na casa das personagens centrais da obra, assim como a comunicação entre as meninas que eram irmãs juradas, eram relatados através dos caracteres em *Nu Shu*, assim como quando era firmado o voto *Laotong*, este era o meio que as pequenas meninas chinesas, usavam para se relacionarem, uma vez que residiam em aldeias não muito próximas.

A escrita em *Nu Shu*, na obra é feita em um leque, onde as meninas desenhavam símbolos da natureza, flores, o que diferenciava completamente a escrita delas, da escrita masculina, considerando também o fato de que está escrita feminina era totalmente desprezada e não possuía valor algum para os homens. Este era o mundo secreto do *Nu Shu*, que proporcionava as mulheres, um universo puramente feminino. “As meninas costumavam cantar e conversar, e foi quando começamos a aprender umas com as outras” ¹⁷, explicou Yang Huan Yi, uma senhora de 98 anos de idade, viúva que aprendeu quando ainda muito jovem. “It made our lives better, because we could express ourselves that way.” (Citação do Washington Post).

¹⁷ “The girls used to get together and sing and talk, and that’s when we learned from one another” (YANG HUAN YI).

Na obra de See esta escrita tem uma finalidade importante que é possibilitar e manter o contato entre as duas meninas até que elas sejam velhas senhoras, por meio desta escrita, Lírio e Flor da Neve, sempre se corresponderam, durante toda a vida, foi assim que elas começaram a se comunicar, antes mesmo de se tornarem *Laotongs* (irmãs pra toda vida), o que também era um costume, ou seja, uma marca cultural da época.

No desenvolver da obra, conseguimos perceber que a mulher chinesa, como outras mulheres do mundo também, sentiam falta de um meio de comunicação que ao utilizá-lo não fosse percebida, criticada ou controlada pelos seus cônjuges ou outros homens da família como pai, tio ou irmão. Essa necessidade aumentava especialmente quando elas casavam e mudavam para a casa da família do seu esposo, uma vez que o seu futuro lar e as pessoas que até o casamento eram totalmente estranhas para ela.

Enquanto crianças, uma vez que as mulheres apesar de viverem em um andar da casa separadas dos homens, estavam sempre juntas realizando atividades domésticas. Quando elas conseguiam esse voto *Laotong* de companheirismo, passaram a sentir falta de um meio de comunicação secreto e assim nasceu a língua escrita das mulheres, por sinal, a única escrita utilizada exclusivamente por mulheres que se tem na história mundial como vimos no capítulo I desta dissertação.

O *Nu Shu* propiciava vez e voz, especialmente entre as protagonistas femininas Lírio e Flor da Neve, esse era o modo usado por elas para compartilhar seus sonhos e suas realizações sem sair da casa e também para terem algo que fosse particular e funcionasse como uma marca feminina.

Esse sistema de escrita serve de um lado como prova de mais uma diferença entre os homens e as mulheres, inseridos na cultura chinesa, diferenças essas tão gritantes que até mesmo a forma de comunicação entre os sexos não poderia ser uniformizada, ressaltando assim, mais uma forma de segregação entre eles. Por outro lado, o *Nu Shu* mostra a natureza artística da mulher. Ela também mostra a criatividade do sexo feminino que, em vez de usar o que foi prontamente disponível, ela inventa a sua própria maneira de expressar seus pensamentos. Mesmo nestes alfabetos ela derrama sua arte e faz com que todos ao olhar vejam algo bonito, secreto e cheio de significado semiótico.

O mais importante, minha tia começou a me ensinar Nu Shu [...] Naquela época eu ainda não tinha visto a escrita dos homens, então, eu não tinha nada para compará-la. Mas agora eu posso dizer que os escritos dos homens são em negrito, com cada personagem facilmente contido dentro de um quadrado, enquanto Nu Shu se parece com pernas de mosquito ou aves grafadas em pó.¹⁸

O trecho citado mostra como as mulheres idosas assumiam com dedicação o papel de professoras mostrando que essa escrita deveria ser compreendida e ensinada, tal qual qualquer outro idioma, com suas regras gramaticais e ortográficas. Por outro lado, em comparação com o alfabeto de língua chinesa parece feio ou não faz sentido para os mais jovens como ocorreu com Flor da Neve e Lírio que chegam a comparar as letras com as pernas de mosquitos "ou" pássaros voando.

Seguindo a tradição chinesa a tia que seria a professora da casa, tinha que ser bem versada neste sistema de escrita. Na parte seguinte do romance, vemos que o *Nu Shu* não era apenas uma linguagem secreta entre as mulheres sem instrução, mas tem uso múltiplo, sendo utilizado para outras finalidades importantes dentro da cultura.

A tia me instruiu sobre as normas especiais que regem Nu Shu. Ele pode ser usado para escrever letras, canções, autobiografias, lições ou dos direitos femininos, orações para a deusa, e, claro, as histórias populares.¹⁹

Além disso, o texto lança um olhar sobre como a grafia em *Nu Shu* era produzida. Quando as pessoas iam escrever era comum fazer uso de uma pena de pássaro para moldar e conferir leveza a escrita. Caneta e lápis foram comumente usados, em Inglês eles foram chamados às vezes "detentor", ou seja, algo que precisa ser segurado. Ao contrário o *Nu Shu* é escrito com pincel, pode ser usado para bordados. Mas o uso do pincel destaca o seu aspecto artístico. A história do *Nu Shu* não apresenta o aspecto que a obra revela:

Ela pode ser escrita com pincel e tinta em papel ou um leque; ela pode ser bordada em um lenço ou tecida em pano. Pode e deve ser recitada diante

¹⁸ Most important, my aunt began to teach me Nu Shu[...] Back then I had yet to see men's writing, so I had nothing to compare it with. But now I can say that men's writings is bold, with each character easily contained within a square, while Nu Shu looks like a mosquito legs or birds prints in dust (SEE, P. 24).

¹⁹ Aunt instructed me on the special rules that govern nu shu. It can be used to write letters, songs, autobiographies, lessons or womanly duties, prayers to the goddess, and, of course, popular stories.

de uma platéia de outras mulheres e meninas, mas também pode ser algo que é lido como um tesouro sozinho. Mas as duas regras mais importantes são estas: Os homens nunca devem saber que ela existe, e os homens não deve tocá-la de nenhuma forma.²⁰

Como vimos na parte anterior, à história do *Nu Shu* sempre remete para algo a ser escrito e também enfatiza sua natureza de ser mantido em segredo. Mas no romance, como o trecho citado mostra, o *Nu Shu* pode e deve ser cantado entre um grupo de mulheres e meninas. Com isso o aspecto poético e dramatológico são revelados e a história prefere calar.

Conforme vimos na obra, Lírio e Flor da Neve, sempre se corresponderam, durante toda a vida, Foi por meio desta escrita que elas começaram a aprender a arte e usá-la para se comunicar, antes mesmo de se tornarem laotong, o que também era um costume, ou seja, uma marca cultural da época como já discutimos na parte anterior.

2.3.1 *Nu Shu*: Como um meio de comunicação entre meninas Flor da Neve e Lírio

Sabemos que a escrita secreta das mulheres, foi algo que desde o instante em que Lírio e Flor da Neve começaram a ter as primeiras noções, sempre acolhida com muito respeito e dedicação por parte de ambas. De certo modo, elas tinham conhecimento que essa seria a ferramenta que iria servir a elas durante toda a sua vida, e que era o único meio ao qual elas teriam acesso para exporem toda espécie de sentimento, sem serem criticadas ou punidas por aquilo que sentiam e vivenciavam por isso, esforçavam-se ao máximo por aprenderem novos caracteres, caprichavam nos desenhos e cada vez mais se aplicavam quando iam escrever em seus leques.

O fato de possuírem algo que fosse privado a elas, conferia ainda que de maneira muito tímida certo refrigério na alma dessas mulheres, elas encaravam está modalidade de escrita, como algo que era realmente só delas, o que era oculto aos olhos dos homens, tornava-se como que um livro aberto entre elas, um livro

²⁰ It can be written with brush and ink on paper or on a fan; it can be embroidered onto a handkerchief or woven into cloth. It can and should be sung before an audience of other women and girls, but it also can be something that is read and treasure alone. But the two most important rules are these: Men must never know that it exists, and men must not touch it in any form. (SEE, P. 24-25)

carregado muitas vezes, de tristeza, injustiças, tragédias, era simplesmente muitas vezes o relato de vidas miseráveis de mulheres infelizes, narrativas estas que as acompanhavam até o fim da vida. Segundo podemos conferir na fala de Lírio no início da obra.

Então, aqui estou sozinha com meus pensamentos e este leque na minha frente. Quando o seguro é estranho como parece leve, pois nele estão registradas tantas alegrias e tanta dor. Eu o abro rapidamente, e o som feito por cada dobra me faz lembrar um coração batendo. Lágrimas se agitam diante dos meus olhos. Nesses últimos quarenta anos, eu o li tantas vezes que o sei de cor, como uma canção da infância.²¹

Podemos ver a importância de se saber *Nu Shu*, bem no início da obra, quando Lírio se orgulha por ter começado a receber as primeiras instruções sobre essa escrita:

O mais importante, minha tia começou a me ensinar Nu Shu [...] Naquela época eu ainda tinha visto a escrita dos homens, para que eu pudesse comparar as duas. Mas agora eu posso dizer que os escritos dos homens estão em negrito, com cada símbolo facilmente contido dentro de um quadrado, enquanto Nu Shu se parece com pernas de mosquito ou pegadas de aves, marcadas no pó. [...] Tia me instruiu sobre as normas especiais que regem Nu Shu. Ele pode ser usado para escrever letras, canções, autobiografias, lições ou sobre os desejos femininos, orações para a deusa, e, claro, as histórias populares. Ele pode ser escrito com pincel e tinta em papel ou num leque; ele pode ser bordado em um lenço ou tecido em pano. Pode e deve ser cantado diante de uma platéia de outras mulheres e meninas, mas também pode ser algo que é lido e guardado sozinho como um tesouro. Mas as duas regras mais importantes são estas: Os homens nunca devem saber que ele existe, e os homens não deve tocá-lo em qualquer forma.²²

Deste modo, podemos dizer que o *Nu Shu*, sempre foi muito presente na relação de amizade entre as personagens, foi algo que acompanhou a vida dessas

²¹ So here I AM alone with my thoughts and this fan before me. When I pick it up, it's strange how light it feels in my hands, for it records so much joy and so much grief. I open it quickly, and the sound of each fold makes as it spreads reminds me of a fluttering heart. Memories tears across my eyes. These last forty years, I have read it so many times that it is memorized like a childhood song. (SEE, 2006, P. 4)

²² Most important, my aunt began to teach me Nu Shu[...] Back then I had yet to see men's writing, so I had nothing to compare it with. But now I can say that men's writings is bold, with each character easily contained within a square, while Nu Shu looks like a mosquito legs or birds prints in dust. [...] Aunt instructed me on the special rules that govern nu shu. It can be used to write letters, songs, autobiographies, lessons or womanly duties, prayers to the goddess, and, of course, popular stories. It can be written with brush and ink on paper or on a fan; it can be embroidered onto a handkerchief or woven into cloth. It can and should be sung before an audience of other women and girls, but it also can be something that is read and treasure alone. But the two most important rules are these: Men must never know that it exists, and men must not touch it in any form. (SEE, P. 24-25)

duas mulheres chinesas, desde o início do seu laço de amizade *Laotong*, até a velhice solitária e pensativa de Lírio. De acordo com o que já foi falado sobre a importância desta escrita, vejamos:

[...] Eu pedi a tia para me ajudar a compor corretamente a resposta em Nu Shu [...] tia escreveu as palavras que nós concordamos, e eu as praticava até que minha caligrafia estivesse aceitável. Quando eu me dei por satisfeita, eu derramei tinta sobre a pedra de tinta, misturei-a com água até que eu atingi um preto profundo. [...] Comecei pintando uma pequena flor da neve no meio do Garland de folhas no topo do leque Para as minhas mensagens, eu escolhi a dobra ao lado de caligrafia bonita de flor da neve.
23

Neste fragmento acima transcrito, percebemos que desde o início do processo de aprendizagem elas sempre foram muito dedicadas e caprichosas na hora de escreverem e desenharem os caracteres e essa característica perdura durante toda a vida delas, mesmo depois de casadas e em um último momento, com a viuvez de Lírio.

As explicações da autora servem para ressaltar a importância dessa escrita milenar que tanto ajudou essas mulheres chinesas a suportarem e a transporem as barreiras e as dificuldades sofridas pelas mesmas ao longo dos anos e dos fatos retratados no romance analisado.

2.3.2. Os temas abordados no Nu Shu pelas personagens femininas Flor da Neve e Lírio: o desabafo

No leque secreto que elas partilham desde a idade dos sete anos, quando é firmado o voto de afeição *Laotong* entre elas, elas dividem os mais variados sentimentos, dialogam por meio dos desenhos e com o passar do tempo e o aprimoramento da escrita e a capacidade de interpretar os símbolos torna-se algo muito fácil para elas, ressaltando o fato de que essa escrita abrange todas as mulheres presentes na obra, com a exceção da avó de Lírio, que não era versada no *Nu Shu*, conforme fragmento:

²³ [...] I asked Aunt to help me compose the right Nu Shu [...] Aunt wrote out the words we agreed upon, and I practiced them until my calligraphy was passable. When I was satisfied, I ground ink on the ink stone, mixing it with water until I achieved a deep black.[...] I began by painting a tiny snow flower amid the Garland of leaves at the top of the fan. For my messages, I choose the fold next to Snow Flower's Beautiful calligraphy (SEE, p.45).

Embora avó não fosse capaz de ler em Nu Shu, ela ainda tinha os livros de casamento do terceiro dia que tinha sido dado a ela em seu casamento, tantos anos antes. Estes, juntamente com alguns outros tesouros, foram reunidos por suas irmãs juradas para toda a vida e queimado na sua sepultura deste modo as palavras iria acompanhá-la depois desta vida [...] Desde que ela não tinha uma escrita própria, Mamãe, tia e irmã mais velha escreveram mensagens em Nu Shu para apresentá-la a nossos antepassados , e então nós queimamos depois que os homens partiam.²⁴

O romance narra vários acontecimentos marcantes na vida dessas mulheres, uma vida marcada por fortes acontecimentos que se transformam em lembranças, por meio dessa grafia, conforme já foi dito anteriormente, trata-se de um produto do voto *laotong*, elas relatam a sua existência, escrevem sobre a vida que poderiam ter desfrutado, sobre as possibilidades perdidas, referendando assim uma autenticidade à narrativa, fazendo com que esses escritos passem a fazer parte de um passado que pode ser lembrado pelo testemunho e pelas memórias eternizadas por meio desta escrita.

2. 4. PODER Matriarcal e FOOTBINDING

Ser considerada bela nos dias atuais, especialmente para o sexo feminino, tornou-se quase um exercício doloroso e diário, afinal a mulher para ser considerada bela, deve dedicar uma boa parte do seu tempo a sessões de massagem, longas horas nos salões de beleza, seguida de uma rigorosa dieta, aliada a exercícios físicos e inúmeras cirurgias plásticas só assim, pode se enquadrar nos padrões de beleza exigidos pela modernidade.

Sabemos, no entanto, que esse conceito de beleza ao deixar a Grécia antiga, veio sofrendo transformações ao longo do tempo, atravessando continentes e visitando as mais diversas culturas e conseqüentemente, divergindo do seu conceito filosófico. Deste modo, ao verificarmos o conceito de beleza, no dicionário filosófico, encontramos a definição de que o belo é aquilo que desperta nos homens um sentimento particular chamado de “emoção estética”, e acredita que tal sentimento seja inteiramente desinteressado, porém esse conceito é parcialmente determinado

²⁴ Although Grandmother could not read Nu Shu, she still had the third-day wedding books that had been given to her at her marriage, so many years before. These, along with a few others treasures, were gathered together by her two late-life sworn sisters and burned at her grave so the words would accompany her to the after world. [...] Since she had no writing of her own, Mama, Aunt, and Elder sister wrote messages in Nu Shu to introduce her to our ancestors, and then we burned them after the men left (SEE, 2006, p. 36).

pelos hábitos e pelos conhecimentos até mesmo as emoções estéticas que sentimos diante de certos espetáculos da natureza e dependem, pelo menos em parte, dos valores culturais do momento (dicionário básico de filosofia, p.27).

As relações entre homens e mulheres, em grande parte das sociedades tem um passado fortemente patriarcal, onde um dos pilares é sustentado pela subordinação das mulheres e o domínio da sua capacidade de dar a vida. Ser homem e ser mulher é antes de tudo ser marido e pai, esposa e mãe. Os status e os papéis na produção são fortemente articulados com a esfera da reprodução, ou seja, com o casar para poder multiplicar, deste modo, a família ainda é um lugar primordial no processo de definição das relações entre os sexos.

Nas cerimônias dos matrimônios e nas comemorações do casamento, as relações socialmente instituídas entre homens e mulheres se manifestam com particular evidência. Ao longo da vida dos indivíduos, a dinâmica das famílias, a formação e a dissolução de uniões e as modalidades de residência irão “encenar” as relações de gênero, seja pela aprovação das normas sociais, seja, mais raramente, por sua contestação. No decorrer da sua história, cada sociedade elabora o que podemos chamar de um “sistema de gênero” (MASON-OPPENHEIM, 1995), o que não é diferente no contexto da obra literária em análise.

A origem dessas uniões matrimoniais é o exemplo fiel deste isolamento dos indivíduos nas normas que definem, de forma muito restrita, o que deverão ser e fazer como homem e como mulher. Os códigos de aliança e filiação, estes dois pilares do parentesco, vão determinar futuramente a natureza das relações entre esposos, entre pais e filhos e, mais vastamente, entre cada indivíduo, sua família de origem e a família de aliança, ou seja, aquela que a recebeu (LOCOH, 1996a).

Na China relatada na obra por See, percebemos que esse contexto de casamento é bem precoce para as mulheres e que as famílias e as casamenteiras desempenham um papel preponderante na escolha do futuro cônjuge, a idade propícia para o casamento, especialmente para as moças é particularmente baixa em todas as aldeias narradas na obra. Mas esta não é a única diferença. Percebemos também que a contratação de um bom casamento, ocasiona muitas vezes, uma melhoria de vida para a família da noiva.

Há algumas exigências a serem cumpridas pelas duas famílias envolvidas nesse trato. As famílias envolvidas trocam presentes, recebem mantimentos, tecidos para a confecção dos enxovais e dos sapatos que serão produzidos pelas futuras

esposas e entregues á sogra e ao noivo, os homens apoiam-se particularmente nos irmãos e nos demais parentes, como forma de poder pagar as parcelas do dote e honrar seus compromissos com a família da noiva.

A noiva tem de ser “moldada” para integrar a família do marido e sustentar seus interesses. Além disso, como as moças da época, se casavam geralmente com pessoas de fora do seu grupo de origem, muitas vezes iam morar muito distante de sua família, e seus parentes não podiam esperar receber ajuda após o casamento.

Os homens deviam cooperar tanto com sua família de origem como com a sua família de aliança, ou seja, aquela da qual ele iria se tornar um membro ao contrair o casamento. A obra retrata em detalhes:

As famílias dos nossos noivos entregaram as primeiras doações de dinheiro, doces e carne. Tia e tio receberam um pernil de porco, enquanto Mamãe e papai receberam um porco inteiro e assado, que foi cortado e enviado para nossos parentes em Puwei como presente. Nossos pais retribuíram com ovos e arroz para as famílias dos noivos para simbolizar a fertilidade. Em seguida, esperamos pelo o segundo estágio que seria quando os nossos futuros sogros iria decidir a data para nossos casamentos. [...] Nossos futuros estavam traçados. Nossas novas famílias foram maiores do que a noss.²⁵

Todavia, as regras do patriarcalismo, mantém o domínio dos velhos sobre os mais jovens e dos homens sobre as mulheres. Ao se casarem, as mulheres chinesas, se viam, em muitos aspectos, sob a opressão dos membros mais idosos da família do seu esposo, fato esse que já não ocorria com os rapazes que de fato adquiriam “poder” sobre sua jovem esposa.

Ele apresenta um progresso, enquanto que as mulheres chinesas jamais alcançariam esses patamares, dado ao seu grau de submissão, dependência e até mesmo a falta de conhecimento uma vez que tudo o que elas sabiam era que deveriam obedecer e desempenhar da melhor forma possível suas obrigações a priori de esposa e depois de mãe, mesmo que isso fosse algo extremamente cansativo, conforme podemos ver na obra quando Lírio faz um comentário sobre a apatia e a exaustão de sua mãe.

²⁵ Our grooms' families delivered the first gifts of money, candy, and meat. Aunt and Uncle received a leg of pork while Mama and Baba received and entire roasted pig, which was cut up and sent to our relatives in Puwei as gifts. Our parents reciprocated with gifts to the grooms' families of eggs and rice to symbolize our fertility. Then we waited for the second stage to begin, when our future in-laws would deliver the Date for our weddings. [...] Our futures were settled. Our new Families were higher than our own (SEE, P. 69).

Minha mãe estava exausta. Ela teve cinco filhos, três dos cinco, tínhamos menos que cinco anos de idade. Ela tinha a responsabilidade total do trabalho doméstico - limpeza, lavagem e reparação, ela cozinhava todas as refeições, e mantinha o controle das despesas domésticas da melhor forma que pudesse.²⁶

Do ponto de vista político, todas as instâncias estão nas mãos dos homens, e as mulheres não tinham oportunidade de reivindicarem seus direitos, então elas eram representadas e defendidas pelos homens da sua família, fosse seu pai, irmão, sogro ou marido e era este o modo de vida das mulheres da época, onde o casamento era garantia de vida. Vejamos um trecho do que foi dito sobre o casamento quando a irmã de Lírio casou-se:

“Você se casou”, disse Mamãe, de uma maneira que parecia estranhamente distante. “Você vai para outra aldeia”. Sua sogra é cruel. Com isso, seu marido não se importa com você. Desejavamos que você nunca saísse daqui, mas toda filha se casa, fica distante. Todos concordam. Todos acham que isso é natural. Você pode chorar e implorar para voltar para a sua casa, podemos lamentar que você tenha ido, mas nós não temos escolha. O velho ditado deixa isso muito claro: “Se uma filha não se casar, ela não é valiosa; se o fogo não destruir a montanha, a terra não será fértil.”²⁷

Outro fator que não podemos desconsiderar na obra é a grau de desvalorização da figura feminina em detrimento da figura masculina uma vez que na cultura em estudo, o homem sempre era o mais admirado, o mais desejado desde o seu nascimento, contribuindo assim para a supervalorização do masculino. Conforme citação: “[...] Cada um de nós esperava que fosse passar mais tempo todos os dias com o irmão mais velho, uma vez que sendo o primeiro filho ele era a pessoa mais preciosa em nossa família”.²⁸

Por sua vez, sempre que o homem aparece no texto, ele sempre é retratado com uma figura pertencente ao mundo externo, seja em relação aos ambientes da casa onde ele reside com sua esposa e filhos, ou seja, nas suas atividades rotineiras

²⁶ My mother was exhausted. She had five children, three of us five and under. She had the full responsibility of the household – cleaning, washing, and repairing, cooking all our meals, and keeping track of the household debts as best as she could (SEE, 2006, p. 14).

²⁷ “You got married out,” Mama said, in a way that seemed oddly detached. “You go to another village. Your mother-in-law is cruel. With it your husband doesn’t care for you. We wish you would never leave, but every daughter marries away. Everyone agrees. Everyone goes along with it. You can cry and beg to go home, we can grieve that you have gone, but – you and we – have no choice. The old saying makes this very clear: “If a daughter doesn’t marry out, she is not valuable; if fire doesn’t raze the mountain, the land will not be fertile.” (SEE, p. 79).

²⁸ “[...]We each hoped we would spend time every day with Elder Brother, since as the first son he was the most precious person in our family[...].” (SEE, p. 10).

como ao trabalhar na lavoura ou levar os animais para tomarem água no rio. Deste modo, percebemos que dentro dessa cultura, o homem exerce de maneira bastante responsável o seu papel de provedor e de protetor da sua família.

Por mais que essa supervalorização do masculino desperte em nos ocidentais, certa surpresa, especialmente no sexo feminino, que tanto lutou e que já alcançou algumas conquistas, como o direito ao voto, licença maternidade, lei Maria da Penha entre outras, a mulher chinesa da época, demonstrava um alto grau de conformação com a sua situação, elas eram cientes do seu papel de filha, nora, esposa e mãe, elas tinham plena consciência do seu pouco valor como mulher, tanto que nenhuma delas ao casar, desejava dar a luz a uma filha mulher. Podemos constatar isso em algumas partes da obra:

Nós, mulheres, temos obrigação de amar nossos filhos assim que eles saem de nossos corpos, mas qual de nós não sentiu decepção ao olhar para uma filha nem sentiu a profunda tristeza que toma conta da mente quando se está segurando um filho precioso, caso ele só faça chorar e sua sogra olhar para você como se o seu leite fosse azedo? [...] Nós amamos nossos pais, porque eles cuidam de nós, mas somos consideradas galhos sem valor na árvore da família [...] Todos estes tipos de amor tem origem no dever, respeito e gratidão. A maioria deles, como as mulheres do meu país sabem, é fonte de tristeza, de ruptura, e brutalidade.²⁹

Todavia, essas mulheres sofriam privações das mais diversas, elas eram castradas de todos os modos, esse processo repressor tinha início no seio familiar e só seria findado, com a morte, uma vez que a mulher era oprimida pela sua família, depois passava a ser controlada pelo seu esposo e a família do mesmo, onde nem sempre era bem tratada, vejamos o desabafo da irmã de Lírio quando se encontrava na casa do seu esposo.

Hoje eu seguro um pincel, e meu coração voa para longe de casa. Escrevo algumas lembranças para meus queridos pais, tia e tio. Quando penso em dias passados, minhas lágrimas cessam de cair. Eu ainda me sinto triste por ter saído de casa. Meu estômago está grande com a presença do bebê e eu estou tão quente com este tempo. Meus sogros estão rancorosos. Eu faço todo o trabalho doméstico. Com este calor é impossível agradar. Irmã, primo, cuidar da Mama e do Baba. Nós, mulheres, só podemos esperar que nossos pais vivam muitos anos. Dessa forma, teremos um lugar para voltar para os festivais. Em nossa casa natal, teremos sempre pessoas que nos estimam. Por favor, sejam bons para os nossos pais. Sua filha, irmã e prima.²⁹

²⁹ Today I pick up a brush, and my heart flies away home. To my family I write- regards to dear parents, aunt, and uncle. When I think of past days, my tears cannot stop falling down. I still feel sad to have left home. My stomach is big with baby and I am so hot in this weather. My in-laws are spiteful. I do all the household work. In this heat it is impossible to please. Sister, cousin, take care of Mama

Apenas o nascimento de um filho homem, poderia aliviar as angústias femininas e fazer com que elas recebessem um tratamento melhor uma vez que elas desde a infância, sempre ouviam nas conversas das mulheres mais experientes, que um filho homem e os pés pequenos e perfumados, eram o que aferiam valor a uma mulher. Vejamos isso na obra:

[...] Se tivermos sorte, teríamos filhos com isso garantiríamos nossas posições na casa de nossos maridos. Se não, teríamos que enfrentar o desprezo da nossa sogra, a ridicularização das concubinas de nossos maridos, e os rostos decepcionados de nossas filhas.³⁰

2.4.1. *Footbinding*: uma prática cultural

O processo era iniciado antes que o arco pé das meninas tivessem seus ossos calcificados, geralmente o procedimento ocorria durante os meses de inverno uma vez que os pés eram mais propensos a ficarem dormentes devido à temperatura fria e, portanto, a dor não seria tão intensa. Esse período variava entre os 4 (quatro) e os 9 (nove) anos e passava por várias etapas até ser concluído.

Em primeiro lugar, após a escolha da data e após todos os preparativos que o procedimento exigia as mulheres da casa, se reuniam nos aposentos do andar de cima da casa, de modo que pudessem ter privacidade para executar de maneira satisfatória e com a privacidade exigida, todos os procedimentos.

Cada pé era embebido numa mistura quente de ervas e sangue animal; de acordo com a medicina chinesa, acreditava-se que esta mistura era destinada a suavizar o pé, amolecer os ossos e, portanto, ajudava na hora de quebrar as juntas dos dedos. Em seguida, as unhas dos pés eram cortadas o mais rente possível aos dedos para evitar que ao crescer, machucassem ainda mais a pele e colaborassem para a proliferação de bactérias ou infecções, uma vez que os dedos dos pés estavam pressionados firmemente contra a sola dos pés. As mulheres confeccionavam vários metros de ataduras de algodão, com 3 m de comprimento

and Baba. We women can only hope that our parents will leave many years. That way we will have a place to return for festivals. In our natal home, we will always have people who treasure us. Please be good to our parents. Your daughter, sister, and cousin. (SEE, 2006, P. 93)

³⁰ [...] If we are lucky, we have sons and secure our positions in our husbands' home. If not, we are faced with the scorn of our mother-in-law, the ridicule of our husbands' concubines, and the disappointed faces of our daughters. (SEE, P.127)

por 5 (cinco) cm de largura, que eram usadas para a imersão na mistura de sangue e ervas. Ressaltando o fato de que as ataduras, as loções, os unguentos todos eram preparados pelas mulheres da família.

Vemos esta preocupação claramente na obra, quando a personagem relata sobre os preparativos para o *footbinding*. As mulheres mais velhas aprontam as faixas, cuidam da alimentação diferenciada oferecida as meninas que vai beneficiar o processo de cicatrização, opinião sobre o melhor dia para realizar o procedimento, no entanto, o procedimento é realizado sobre a supervisão da avó. Conforme citação abaixo:

Na manhã do vigésimo quarto dia do mês oito do ano lunar, nós oferecemos minúsculos bolinhos de arroz, enquanto nossas mães colocavam miniaturas de sapatos que tinham sido feitos diante de uma pequena estátua da deusa Guanyin. Após isso, Mama e tia juntaram alum, adstringentes, tesouras, cortadores de unhas especiais, agulhas e fios. Eles tiraram as longas ataduras que tinham feito; cada um tinha a largura de cinco centímetros, três metros de comprimento, e levemente engomado. Em seguida, todas as mulheres da casa vieram para o andar superior da casa.³¹

Para que os pés pudessem atingir o tamanho desejado, os dedos em cada pé eram dobrados, em seguida, pressionado com muita força para baixo e espremido contra a sola dos pés até que os dedos fossem totalmente quebrados.

Quando os dedos fossem quebrados, à medida que os dias iam passando e os curativos sendo trocados, as faixas iam sendo apertadas com mais intensidade. As ligaduras eram enroladas repetidamente, eram dadas oito voltas, a partir do interior do pé, passando pelo peito do pé, em seguida, eram envolvidos ao longo dos dedos, por baixo do pé, e em torno do calcanhar, deste modo, os dedos que estavam quebrados iam sendo pressionados firmemente na sola do pé.

As bandagens eram puxadas com tanta força que a menina não podia nem sequer, mover os dedos dos pés e algumas vezes para que a cicatrização não fosse comprometida, as faixas eram costuradas para que as crianças não soltassem.

Os pés quebrados das meninas necessitavam de uma grande dose de cuidado e atenção diários, e essas faixas eram desamarradas com frequência. Cada vez que os pés eram soltos, e lavados, os dedos dos pés eram cuidadosamente

³¹ On the morning of the twenty-fourth day of the eight lunar month, we offered the Tiny-Footed Maiden glutinous rice balls, while our mothers placed miniatures shoes they had made before a small statue of Guanyin. After this, Mama and Aunt gathered together alum, astringent, scissors, special nail clippers, needles, and thread. They pulled out the long bandages they had made; each was five centimeters wide, three meters long, and lightly starched. Then all the women in the household came upstairs. (SEE, P. 26)

examinados em busca de lesões, e as unhas aparada. Durante o pouco tempo em que estavam sem as faixas, os pés eram massageados para que ficassem cada vez mais macios e as solas recebiam pancadas que favoreciam uma maior flexibilidade, também eram mergulhados em soluções que no caso da carne ter necrosado, faziam com que caíssem, imediatamente após a carne morta ter sido retirada. Os dedos eram dobrados e atados novamente. Esta espécie de ritual era repetido quantas vezes fosse necessário.

Geralmente era realizado por um membro feminino mais velho da família da menina, podendo ser a mãe, a avo ou uma mulher de fora que fosse vista como uma espécie de profissional que realizava a quebra inicial. Vejamos na obra quando a personagem Lírio tem os seus pés enfaixados:

Por ser a mais velha, fui à primeira, e estava determinada a mostrar o quanto era corajosa. Mamãe lavou os meus pés e esfregou-os com alume, para contrair o tecido e limitar as inevitáveis secreções de sangue e pus. Cortou minhas unhas o mais rente possível. Durante esse tempo, minhas ataduras ficaram de molho, para que quando secassem na minha pele ficassem ainda mais apertadas. Em seguida, mamãe pegou uma das pontas de uma atadura, colocou-a na parte de dentro do meu pé, depois a puxou por cima dos meus quatro dedos menores para iniciar o processo de empurrá-los para baixo. Dali passou a atadura pelo meu calcanhar. Mais uma volta ao redor do tornozelo para prender e estabilizar as duas primeiras voltas. A ideia era fazer com que meus dedos se encontrassem com o meu calcanhar, criando a fenda, mas deixando de fora o dedão para eu caminhar sobre ele.³²

Por se tratar de um processo minucioso, nem sempre, a recuperação era tranquila e a maior preocupação era com o risco de infecção. Apesar de todos os cuidados referentes ao corte regular das unhas dos pés, elas muitas vezes ao crescer, infeccionavam e causavam lesões nos dedos dos pés. Às vezes, por esta razão, as unhas dos pés da menina eram puxadas para trás e extraídas por completo. Muitas vezes, como as ataduras eram colocadas de uma forma muito apertada, a circulação nos pés era precária ou até mesmo, quase cortada, portanto, quaisquer lesões nos dedos dos pés eram possíveis de cura ou poderiam piorar de maneira gradativa e causar um processo infeccioso e o apodrecimento da carne.

³² As the eldest, I went first, and I was determined to show how brave I could be. Mama washed my feet and rubbed them with alum, to contract the tissue and limit the inevitable secretions of blood and pus. She cut my toenails as short as possible. During this time, my bandages were soaked, so that when they dried on my skin, they would tighten even more. Next mama took one end of a bandage, placed it on my instep, and then pulled it over my four smallest toes to begin the process of rolling them underneath my foot. From here she wrapped the bandage back around my heel. Another loop around the ankle helped to secure and stabilize the first two loops. The idea was to get my toes and heel to meet, creating the cleft, but leaving my big toe to walk on. (SEE, 2006,P.26)

Se a infecção nos pés e dedos dos pés atingisse os ossos, poderia torná-los mais macios, podendo ocorrer à queda dos dedos; embora, isso fosse visto como um benefício, porque os pés poderiam, então, ser atados ainda com mais força. Algumas meninas tinham os dedos mais carnudos, às vezes, cacos de vidro ou pedaços de telhas quebradas eram colocados dentro das faixas ao lado dos pés ou entre os dedos para causar ferimentos e induzir uma provável infecção.

Algumas doenças não podiam ser evitadas e algumas vezes eram seguidas por um processo infeccioso o que levava a morte por uma infecção generalizada, febre aftosa, paralisia ou atrofia muscular. Sabe-se que até 10% das meninas vinham a óbito por gangrena e outras infecções causadas pelo *footbinding*.

Conforme podemos ver com a citação abaixo sobre o que ocorreu com os pés da terceira irmã de Lírio que teve seus pés enfaixados no mesmo dia:

[...], Mas nos dias em que nossas ligações foram removidas, podemos ver as diferenças entre nossos pés e os pés de terceira irmã. Sim, sangue e pus estavam entranhados nas nossas ataduras, o que era normal, mas com as de terceira irmã, os fluidos que escorria de seu corpo tinha assumido um cheiro novo e diferente. Enquanto a pele de Lua linda e a minha tinham o aspecto da morte, a pele de Terceira irmã brilhava tão rosa quanto uma flor.

³³

Porém, conforme visto acima, a prática da *footbinding*, descrita na obra, era algo muito doloroso e tratava-se de um processo longo, minucioso, deveria ser iniciado por volta dos seis anos, tendo a duração de dois anos, uma vez que os ossos ainda eram moles e considerando que as meninas até esta faixa etária, possuíam os pés relativamente pequenos, sua estrutura óssea ainda estava em desenvolvimento, sem esquecermos também que a medicina chinesa sempre foi muito desenvolvida e as mulheres mais velhas da casa, detinham certo domínio dessas técnicas medicinais milenares, assim como, conheciam bem os alimentos que ajudariam a amolecer os ossos e também no processo de recuperação.

Porém, como se tratava de uma etapa importante na vida das meninas chinesas, todas as mulheres da casa eram envolvidas nos preparativos que antecediam *footbinding*. Sapatos eram confeccionados, preces e oferendas, eram

³³ [...] but on the days when our bindings were removed, we could see differences between our feet and Third Sister's. Yes, blood and pus seeped through our bandages, as a normal, but with Third Sister the fluids that oozed from her body had taken on a new and different smell. And while Beautiful Moon's and my skin had wilted to the pallor of the dead, Third Sister's skin shone as pink as a Flower. (SEE, 2006, P. 30)

dedicadas a Donzela de Pés Pequenos e minúsculos sapatos eram colocados juntos da estátua de Guanyin:

Mama e tia retomaram suas atividades de pré- ligação, produzindo mais bandagens. Elas nos alimentavam com bolinhos de feijão vermelho, para ajudar a suavizar os ossos, que segundo elas teriam a consistência do bolinho e para nos inspirar a alcançar um tamanho perfeito para os nossos pés que não seriam maiores do que um bolinho de massa. Nos dias que antecederam a nossa ligação, mulheres casadas da nossa aldeia vieram nos visitar no quarto do andar de cima, as irmãs juradas de irmã mais velha nos desejaram sorte, trouxeram-nos mais doces, e nos felicitaram por nossa entrada oficial no universo feminino. Sons de celebração encheram nosso quarto. Todo mundo estava feliz, cantando, rindo, conversando.³⁴

Isso nos mostra de forma clara, que o processo de “*footbinding*” é algo que abrange todas as mulheres da casa, elas se reúnem e estão presentes, desde as mais velhas, com toda a sua experiência e sabedoria, assim como as mais novas. Elas compartilham ativamente, não só durante o dia acertado para a cerimônia, mas elas se fazem presente, durante os preparativos que o momento exige como a confecção das bandagens, a confecção dos sapatos, o preparo dos óleos, a contação de histórias e o cozimento de uma alimentação individualizada para as meninas.

Outro acontecimento marcante e que é presenciado pelas mulheres mais velhas da casa é quando estão ocorrendo os preparativos mencionados para o *footbinding* de Lírio e sua irmã, constatamos a presença e a influência dessas mulheres tanto nos preparativos iniciais, quanto no momento da execução. As mulheres mais velhas aprontam as faixas, cuidam da alimentação diferenciada oferecida as meninas que segundo a experiência delas vai beneficiar o processo de cicatrização dos pés, opinam sobre o melhor dia para realizar o procedimento, que é realizado sobre a supervisão da avó que apenas observa certificando-se que a filha está realizando todos os passos de maneira correta. influência dessas mulheres tanto nos preparativos iniciais, quanto no momento da execução.

³⁴ Mama and Aunt resumed their pre-binding activities, making more bandages. They fed us red-bean dumplings, to help soften our bones to the consistency of a dumpling and inspire us to achieve a size for our feet that would be no larger than a dumpling. In the days leading up to our binding, marry women in our village came to visit us in the upstairs chamber. Elder Sister’s sworn sisters wished us luck, brought us more sweets, and congratulated us on our official entry into womanhood. Sounds of celebration filled our room. Everyone was happy, singing, laughing, talking. (SEE, 2006, p. 25)

Por se tratar de uma ocasião especial não só para as meninas mais para toda a família, as mulheres vizinhas também são convidadas, e com isso, torna-se um acontecimento, cheio de alegria e de esperança para todos.

Isso pode ser visto como o fato de que as mães chinesas sobre hipótese alguma chegavam a cogitar sobre a possibilidade de não enfaixar os pés de suas filhas, isso era algo já determinado e inerente ao sexo feminino da época. Então, as meninas chinesas eram preparadas e catequisadas desde muito cedo pra o que era considerado um marco nas suas vidas, elas tinham consciência de que as bandagens dos pés as tornariam um partido melhor e só assim elas seriam felizes e realizadas. Conforme o trecho abaixo:

Tudo o que eu sabia era que os pés atados me tornariam mais apta para casar e, portanto, me aproximaria do maior amor e da maior alegria na vida de uma mulher, que seria um filho. Para todos os efeitos, o meu objetivo era conseguir um par de pés perfeitos que tivesse os sete atributos distintos: eles deviam ser pequenos, estreitos, em linha reta, apontados para cima, e arqueados, mas ainda perfumado e de suave textura. [...] Um alimento perfeito deve ser moldado como o broto de uma flor de lótus. Ele deve ser cheio e redondo no calcanhar, chegar a um ponto na frente, com todo o peso suportado pelo dedo grande do pé solitário. Isto significa que os dedos do pé e o arco do pé devem ser quebrados e dobrados sob a satisfazer o calcanhar. Finalmente, a fenda formada pela parte dianteira do pé e calcanhar deve ser profunda o suficiente para esconder um pedaço grande de dinheiro perpendicularmente dentro de suas dobras. Se eu pudesse alcançar tudo isso, a felicidade seria a minha recompensa.³⁵

Percebemos assim que *footbinding* era algo que conferia a mulher chinesa certo grau de poder, neste caso, um poder social, por se tratar de uma relação entre indivíduos, onde o seu exercício, independe dos atos daqueles que estão envolvidos nessa relação. Deste modo, se uma delas se recusa ou age de modo contrário àquilo que a sociedade espera, esta se desvanece, restando, portanto a elas apenas obedecer.

³⁵ All I knew was that foot-binding would make me more marriageable and therefore bring me closer to the greatest love and greatest joy in a woman's life- a son. To that end, my goal was to achieve a pair of perfectly bound feet with seven distinct attributes: they should be small, narrow, straight, pointed, and arched, yet still fragrant and soft in texture. [...] A perfect food should be shaped like the bud of a lotus. It should be full and round at the heel, come to a point at the front, with all weight borne by the big toe lone. This means that the toes and arch of the foot must be broken and bent under to meet the heel. Finally, the cleft formed by the forefoot and heel should be deep enough to hide a large cash piece perpendicularly within its folds. If I could attain all that, happiness would be my reward. (SEE. P.26)

2.4.2. A tradição e o ritual de “Footbinding”

Baseados nesse conceito de beleza, ao mergulharmos na cultura oriental, encontramos um conceito e um costume, um pouco esdrúxulo para nós ocidentais, principalmente por se tratar de um costume cultural chinês, destinado às mulheres; o enfaixamento dos pés femininos visto na época como algo indispensável para que a mulher fosse considerada bela pela sociedade.

Como tínhamos comentado no capítulo I, o costume de footbinding segue padrão da beleza e os pés pequenos e curvados também estavam relacionados ao erótico, ou seja, para os homens da época, o grau da sensualidade feminina era medido pelo tamanho dos seus sapatos. Apoiado nestes ideais, a obra de See insinua que a mãe e as outras mulheres idosas da família tentam passar a ideia de que se às mulheres tivessem os pés pequenos, elas iam ser consideradas como sensuais, caso possuíssem os pés grandes ou deformados pelo processo de *footbinding*, estavam destinadas a uma vida infeliz, sem marido e sem família futura. Restando apenas como opção para as moças pobres que não passavam por este processo, tornarem-se concubinas ou escravas (pequenas noras) como eram conhecidas e chamadas na obra:

As meninas mais pobres que não tinham seus pés ligados. Sabemos como elas acabam. Ou elas são vendidas como servas, e se tornam "pequenas noras" – meninas de patas grandes- de famílias infelizes que são dadas a outras famílias para que sejam cuidadas até que tenham idade suficiente para terem filhos.³⁶

See mostra que além de ser vista como uma boa futura esposa, caso tivesse os pés pequeninos e bem moldados, o fato de ter os pés pequenos e bem curvados, caracterizava que a mulher era pura e de classe, além de reforçar, o fato de que ela era o sexo frágil e, portanto, era totalmente submissa ao homem.

Outro costume também da época e que era sinônimo de status para o homem chinês era o fato de se possuir várias concubinas, cujo papel das não era apenas de cunho sexual, mas, consistia também em realizar afazeres domésticos, uma vez que muitas vezes as esposas devido ao tamanho minúsculo dos pés, não conseguiam se

³⁶ The poorest girls don't have their feet bound at all. We know how they end up. They are either sold as servants or they become "little daughters-in-law" – big-footed girls from unfortunate families who are given to other families to raise until they are old enough to bear children. (SEE, P. 17)

locomover dentro de casa, sendo necessário então que o chefe da casa providenciasse empregadas para poder realizar as tarefas do lar. Ter os pés pequenos implicava na oportunidade da mulher chinesa, conseguir um bom casamento então esse ritual de enfaixar os pés, oriundo da nobreza, logo se difundiu, por todas as classes econômicas, refletindo assim no que diz APPOLONI, 2004, p. 75-76, “[...] nem os princípios enunciados por Marx, nem o furor ideológico de movimentos como a Grande Marcha e a Revolução Cultural conseguiram tirar as chinesas, principalmente na esfera privada, de uma milenar situação trágica: [...] elas são vítimas de infanticídio e seleção pré-natal, humilhação, casamentos forçados, violência corporal”.

2.4.3. Preparação para o amor e a alegria em caminhos de dor e tristeza

A capa da obra de See (p.63) mostra que seu foco era mais os costumes especificamente a escrita secreta feminina chinesas e não o *footbinding*. Apesar disso o início de obra constroe o lar de Snow Flower em todos os detalhes e a autora usa só o espaço feminino com todos os detalhes apresentando o *footbinding*. O *footbinding* esta embutido no interior do lar como uma prática rigorosa que mostra o poder feminino dentro de casa chinesa. Neste ponto percebemos que se tivéssemos analisado o *footbinding* fora do seu contexto cultural, íamos ver este costume apenas como uma das formas de violência contra as mulheres chinesas, tendo em vista que elas eram submetidas a um processo típico e extremamente doloroso que consistia no enfaixamento dos pés. A obra apresenta o processo como uma prática cultural conhecida como pés de lótus.

Como mostramos no primeiro capítulo o *footbinding* apresenta um aspecto marcante e relevante na cultura chinesa e era uma tradição passada de mãe para filha e conseqüentemente um aspecto que demonstra e reflete a forma como a mulher era vista pela sociedade da época.

Os homens da casa sabiam do que ocorriam nos andares de cima, sabiam dos riscos, das mortes de filhas, do sofrimento físico e psíquico e de toda a violência sofrida pelas mulheres jovens que o processo acarretava, porém era algo que não poderia deixar de ocorrer, mesmo que custassem vidas, lágrimas e sangue, como o que ocorreu com a terceira irmã da personagem Lírio:

[...] Assim que titia voltou, mamãe começou a tirar as ataduras. Um odor repugnante invadiu todo o quarto. Tia colocou uma máscara. Embora estivesse nevando, irmã mais velha arrancou o papel de arroz que cobria as janelas para que o mau cheiro pudesse sair. Finalmente, os pés de Terceira Irmã foram totalmente expostos. O pus era verde escuro e o sangue coagulou como uma lama marrom, pútrida. Terceira Irmã foi colocada em uma posição sentada e seus pés não ligados colocados em uma tigela fumegante de água. Ela foi longe em seus pensamentos e não chegou a gritar. [...] Ela morreu quatro dias depois, suportando mais sofrimento e dor do que era justo para uma vida tão curta.³⁷

Esse episódio, relatado na forma real, mas trágica mostra a morte da terceira irmã de Lírio, ocasionada por uma grave infecção, nos leva a constatar que ao realizarem e autorizarem o processo, as mães chinesas da época, reagiam como se estivessem colocando de maneira já desigual, em uma balança, duas coisas que desde o início, não poderiam ser vistas como iguais.

De um lado, ela colocava sua filha mulher (que desde o nascimento, já não possuía valor algum) e do outro lado da bandeja, o processo de *footbinding*, que vinha atrelado à possibilidade de uma melhoria de vida para a família. Deste modo, a menina já não tinha escolha, não tinha vez, não tinha meios de se rebelar contra sua mãe, avó, tias e todas as outras mulheres que dividiam com ela o andar de cima, um local visto por ela como um lugar de segredos, sofrimentos e luto.

De certo modo, ela já sabia que seria algo doloroso e mesmo que fosse tomada por um desejo repentino de fuga, como o que ocorreu com a prima de Lírio, que conforme narrado na obra, foge da sua própria mãe para não ter seus pés enfaixados.

A figura materna neste episódio, não defende, não zela, ela simplesmente vai atrás da filha, que fugiu assustada, segura a menina e a carrega de volta para o quarto para que o processo ou ritual seja feito, ela aprisiona e faz aquilo que os padrões culturais da época, estabelecem como uma condição primordial, não só para a sua classe social, mas para quase toda a pirâmide social, era algo imposto,

³⁷ [...] As soon as Aunt returned, Mama began to unwrap the bindings. A disgusting odor infused the room. Aunt gagged. Although it was snowing, Elder Sister tore away the rice paper that covered the windows to give the stench and exit. Finally, Third Sister's feet were fully exposed. The pus was dark green and the blood has coagulated into brownish, putrid mud. Third Sister was brought to a sitting position and her unbound feet set into a steaming bowl of water. She was so far away in her mind that she didn't cry out. [...] She died four days later, enduring more suffering and pain that was fair for such a short life. (SEE, P. 31,33 2005)

tendo início na burguesia para ter um bom casamento. Mas as meninas de classe social baixa não passavam por este processo.

Deste modo, a mãe apenas executa algo que a sociedade já validou como sendo o melhor para as meninas chinesas, tendo em vista, uma ascensão financeira.

Ela desconsidera o medo, a dor e até mesmo a integridade física da sua filha:

Irmã Mais Velha olhou para nós. “Mamãe e Tia estão na casa dos vizinhos. você pode ouvir Terceira Irmã gritando?” Lua Linda e eu balançamos a cabeça que não. “Mamãe está arrastando Terceira irmã no beco,” irmã mais velha relatou. Agora ouvimos Terceira irmã gritar: “Não, eu não vou fazer isso!” Mamãe repreendeu em voz alta. “Você é um nada desprezível. Você é uma vergonha para os nossos antepassados.” Estas foram palavras feias, mas não é incomum; foram ouvidas quase todos os dias na nossa aldeia. Terceira irmã foi empurrada para dentro do quarto, mas assim que ela caiu no chão, ela ergueu-se rapidamente, correu para um canto, e se encolheu lá.³⁸

Percebemos que a mulher (mãe) agora, mesmo fazendo parte de uma cultura marcada pelo patriarcalismo, fica notório que no transcorrer da obra ocorre justamente o contrário e vemos essa mesma mulher que um dia lá na sua infância também foi vítima dessa violência, quase como que apagar de sua memória tudo o que sofreu e passar a exercer durante toda a obra de maneira muito incisiva o seu matriarcado, ela decide, usa da sua capacidade de sedução para manipular seu esposo, ela toma as rédeas de várias decisões, decide o período e a data mais correta para o enfaixamento, e nos revela com isso que mesmo numa sociedade patriarcal, a mulher manda na sua casa, e usa de forma muito eficaz, do seu poder de sedução, usa dos seus pés pequenos e belos para manipular e para fazer valer a sua dor.

2.4.4. Higiene e falta de tratamento para feridas.

³⁸ Elder sister glanced back at us. “Mama and Aunt are in the neighbors’ house. Can you hear Third Sister squealing?” Beautiful Moon and I shook our heads no. “Mama is dragging Third Sister down the alley,” Elder Sister reported. Now we heard Third Sister yell, “No, I won’t do it!” Mama scolded her loudly. “You’re a worthless nothing. You’re an embarrassment to our ancestors. “These were ugly words but not uncommon; they were heard almost every day in our village. Third Sister was pushed into the room, but as soon as she fell to the floor she clambered to her feet, ran to a corner, and cowered there. (SEE, P. 27, 2005)

No início do processo, muitos dos ossos dos pés permaneciam quebrados, frequentemente durante anos. No entanto, como desenvolvimento das meninas, os ossos começavam a se curar. Porém, mesmo depois que os ossos dos pés tinham sido curados, eles eram propensos a novas fraturas, especialmente quando a menina estava na adolescência e seus pés ainda estavam macios.

As mulheres mais velhas eram mais propensas a quebrar os quadris e outros ossos caso fossem vítimas de quedas, uma vez que não poderia se equilibrar de forma segura sob os seus pés defeituosos.

Os pés atados foram considerados um reforço para a beleza de uma mulher chinesa e tornava seu movimento mais delicado deste modo, uma mulher com pés de lótus perfeitos era susceptível de fazer um casamento mais promissor.

Para os homens da época, os pés pequenos estavam atrelados ao erótico talvez porque os pés enfaixados não eram vistos por todos, era algo secreto e que geralmente os homens só tinham acesso a eles, após o casamento deste modo, o fato de permanecerem escondidos, fazia com que eles fossem considerados sexualmente atraentes. Por outro lado, se o pé ainda não tivesse totalmente cicatrizado, poderia exalar um odor não muito agradável.

O efeito erótico estava associado ao modo de caminhar feminino, aos passos pequenos e a forma como o corpo balançava, uma vez que os pés minúsculos não podiam sustentar por completo o peso do corpo das mulheres. Elas evitavam colocar peso sobre a parte dianteira do pé e tendiam a andar sob seus calcanhares. Como resultado, as mulheres que se submeteram ao footbinding andavam de forma cuidadosa, cautelosa, e instável.

Parafraseando Fairbank (1986, p.70), as mulheres com os pés enfaixados, tinham seu leque de atividades limitado, a sua capacidade de tomar parte na política, no social e no mundo quase não existiam e suas tarefas eram mais relacionadas às tarefas domésticas. Os pés pequenos tornavam essas mulheres dependentes de suas famílias, particularmente dos homens da casa, tinham a vida restrita a sua casa e não poderia sair de suas aldeias desacompanhadas, andavam sempre seguidas ou por alguém próxima ou pelos servos.

No entanto, alguns estudiosos rejeitam as suposições de que os pés amarrados eram considerados mais bonitos, ou o fato de que era uma maneira dos homens controlarem as mulheres ou até mesmo um sinal de status. Outros argumentam que o footbinding foi importante no trabalho, e podia ser visto como

uma forma das mães manterem suas filhas habilitadas para os trabalhos manuais e mantê-las por perto.

Durante a Dinastia Qing, tentativas foram feitas pelos Manchus para proibir a prática, mas falhou, e tem-se argumentado as tentativas de proibição pode ter de fato levado a uma disseminação da prática entre os chineses Han nos séculos 17 e 18, conforme (KO, 2008, P.266).

Deste modo, percebemos que a autora realiza uma junção perfeita e verídica entre a obra produzida e o contexto histórico, correspondente ao período ao qual ela aborda no seu romance, mostrando assim que apesar de ser um livro de ficção e ainda que alguns fatos tenham sido criados por See, o seu texto permanece fiel ao modo de vida dessas mulheres, assim como os costumes praticados por elas dentro da cultura. Demonstrando que ao mergulhar na cultura chinesa, ela buscou os fatos históricos visando enriquecer a sua produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse breve percurso sobre a cultura milenar chinesa, deparamo-nos com sua riqueza, com seus costumes próprios e de difícil compatibilidade com outros povos. Para que pudéssemos percorrer tal caminho, tomamos como base a obra da escritora americana, Lisa See que a princípio, despertou em nós este interesse por está cultura devido à riqueza dos detalhes e segredos deste povo, especialmente das mulheres chinesas, que ela ia revelando minuciosamente com o passar das páginas que percorremos da sua obra *Snow Flower and the Secret Fan*, tendo como ponto de partida a pureza da amizade entre Lírio e Flor da Neve.

Deste modo, podemos constatar a importância da literatura, como uma ferramenta capaz de ajudar de maneira eficiente na compreensão dos aspectos políticos e sociais de uma determinada cultura frisando que este percurso foi feito com o propósito de mostrar que é possível unir a palavra com as demais artes e ciências, inclusive fazendo uso de todas as partes que compõe uma obra, na busca pelo conhecimento, esclarecimento e interpretação de fatos ocorridos, não importando a época que a obra em estudo foi produzida, mas levando em consideração o fato de que toda obra literária carrega em si informações sobre o local, as memórias, costumes e crenças de um povo.

Sabendo que os historiadores utilizam a literatura como um documento, um registro ou como uma ilustração de fatos ocorridos no passado, já a literatura por sua vez, vem despertando o interesse dos historiadores por ser considerada uma ferramenta de expressão que com a sua capacidade algumas vezes fantasiosa e com a sua riqueza ao descrever os fatos, atribui outros sentidos aos acontecimentos históricos.

Percebemos assim, que a autora ao produzir sua obra, desempenha bem o papel social que lhe cabe, uma vez que ela nos conduz de maneira envolvente pela cultura e pela vida dessas mulheres orientais, fazendo uso dos seus conhecimentos e da bagagem adquirida com as suas visitas à China, ela desperta em nós a curiosidade e nos alerta para fatos que poderiam passar despercebidos no seu romance.

Após o percurso histórico, diante da fortuna da obra e após o levantamento de alguns aspectos, marcantes dentro da cultura, notamos que três deles se destacavam com uma maior ênfase dentro do corpus da nossa pesquisa. Um deles

que destacamos no texto acima produzido, se relaciona ao passado da China, que trata das mulheres, no que diz respeito às práticas, as quais elas deveriam ser submetidas e se acostumaram a praticar, em busca dos padrões de beleza exigidos no período, assim como também movidas e guiadas pela obediência ao sistema familiar.

O primeiro costume com que nos debruçamos foi o voto de irmandade (*laotong*), firmado entre Flor da Neve e Lírio (as protagonistas da obra), ele era cercado de dedicação e fidelidade que dado a sua importância dentro da cultura, era firmado através de um contrato entre as famílias e acompanhava as meninas chinesas desde a sua infância até a vida adulta, sendo desfeito apenas com a morte de uma das partes, mostrando assim o valor da amizade entre as mulheres ocidentais, reforçando o fato de que os laços criados na infância eram alimentados durante toda a vida dessas crianças, conforme vimos na obra, mostrando assim que essa relação de companheirismo era algo que se estendia a todos os membros das famílias envolvidas. Além do mais, esse voto de companheirismo, servia também como um alento para o sofrimento destas mulheres uma vez que com ele existia a possibilidade delas algumas vezes por ano, serem visitadas por suas *laotongs*, aliviando assim a solidão que elas sentiam.

No segundo momento, focamos na escrita secreta feminina (*Nu Shu*), que era muito usada pelas mulheres e que servia como instrumento de evasão e de comunicação entre as mulheres que possuíam uma irmã *laotong*, sendo considerada, portanto um produto do voto *laotong*, era uma escrita privada, geralmente feita em leques usados por elas. A escrita é composta por símbolos e figuras delicadas, ressaltando assim para nós, toda a riqueza e beleza desta modalidade de escrita que possibilitou o fim do silenciamento feminino uma vez que os homens não entendiam e nem tinha acesso a esta forma de escrever, mostrando assim que as mulheres mesmo sendo subalternas, conseguiram através da escrita uma porta que as levava ao exterior dos andares de cima de suas casas, dando a elas, a oportunidade de exporem seus pensamentos e emoções numa sociedade que era marcada pela dominação masculina.

Um costume que também ganha destaque na obra de See era o que submetia a mulher a dores extremas e tornava esta, inútil para trabalhos domésticos e no campo, tendo em vista que essas eram fundamentais para a economia familiar. O *footbinding*, conforme foi abordado por See, mostra todas as etapas do processo

que compunha essa importante etapa na vida das mulheres chinesas e que consistia, conforme foi explanado nesta dissertação, em enfaixar os pés das meninas por volta dos seis anos de idade, de modo que os ossos fossem quebrados e os pés se tornassem os menores possíveis, possibilitando a elas uma melhor oportunidade de vida futura, mesmo assim, as famílias submeteram estas por um único motivo, tornar essas mais submissas, tirando toda capacidade física e tornando essas mulheres psicologicamente afetadas além do que, pés pequenos era um fetiche para os homens desta cultura.

Deste modo, podemos inferir que a situação da mulher chinesa não era muito diferente das mulheres de outras culturas como as africanas, as muçulmanas, dentre outras, mulheres que se espalham pelas mais diferentes culturas, percebemos que a questão da violência de gênero, o patriarcalismo e a subalternidade é muito gritante, não só no período que abordamos na nossa pesquisa, mas é algo que se propaga até os dias atuais, pois sabemos que quando os sujeitos tentam de alguma forma expressar suas opiniões ou ganharem um pouco de voz, nem sempre eles têm os mecanismos capazes de promover suas vozes, isso se aplica perfeitamente às mulheres chinesas, que possuíam e até desenvolveram uma grafia que as concedia um pouco de voz, mas que não era do conhecimento de ninguém, e na verdade elas sabiam que se um dia seria lida por algum outro degrau da sociedade patriarcal na qual elas eram membros, as consequências seriam bem mais sérias.

Portanto, não podemos jamais emitir julgamentos sobre esses costumes ou até mesmo sobre o processo de footbinding que por muito tempo foi encarado apenas como um ato de violência, deste modo, não se pode analisar nenhum destes costumes ou aspectos desatrelados da obra, nem tão pouco do sociocultural, uma vez que são marcas peculiares da cultura chinesa e que não pode ser pensados isoladamente.

Deste modo, não podemos permitir que enquanto ocidentais que já presenciamos e ouvimos falar todos os dias nas mais diversas formas de agressão contra as mulheres, ser tomados por um espírito de revolta que nos levaria a cogitar ideias do tipo e se o fato ocorrido fosse na cultura ocidental, como a sociedade se posicionaria diante do mesmo.

Além destes aspectos explorados pelo texto, gostaríamos de ressaltar que muitos outros poderiam ter sido abordados de maneira mais profunda como a forma que os jovens se relacionam com as pessoas mais velhas, as relações entre

as diferentes classes sociais, o relacionamento entre os cônjuges, o silenciamento da mulher, consideração pelo filho homem, dentre outros.

Contudo, sabemos que a obra literária que foi estudada, exerceu de maneira satisfatória seu papel uma vez que o papel de uma determinada obra literária ultrapassa as barreiras e as páginas e nos permite enquanto leitores, mergulharmos e adquirirmos um conhecimento maior sobre as mais diversas culturas, nos seus mais diversos espaços, conforme ocorrido com a obra de See, que nos conduziu de maneira fascinante através da cultura chinesa, nos mostrando os dois lados desta civilização, onde de um lado encontramos a beleza da caligrafia em *Nu Shu* e a lealdade entre as irmãs juradas e do outro, o choque do processo de *footbinding*, mostrando assim que toda cultura esconde seus segredos e suas barbaridades ainda que sejam apenas relatados nos poucos leques secretos ou queimados nas fogueiras após a morte de suas donas.

Após toda essa imersão na cultura chinesa, e voltando para a proposta inicial da nossa pesquisa, concluímos que os nossos objetivos foram atingidos de maneira satisfatória, pois conseguimos identificar como a obra literária dialoga com as outras artes, no nosso caso, como base usamos a obra de See, que nos imergiu no contexto sociocultural chinês, com suas particularidades voltadas para a mulher e suas práticas sociais. A análise da obra nos mostrou como a literatura apresenta estes costumes em pleno século vinte. Fizemos um passeio pela obra ficcional, especulamos a estrutura familiar e suas diferenças de classe e apresentamos esses costumes como "fatos", vendo estes fatos relatados na ficção, a estrutura familiar e suas diferenças de classe com isso, obtivemos êxito no nosso objetivo principal, que se concentra no universo feminino e na história, cultura e tradições chinesas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Lisboa: Bertrand, 2008.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre azul, 2008.
- CASTRO, Léa Viveiro de. **Flor da Neve e o Leque Secreto**. Rocco, 2005.
- D'ANGELO Janet, LOTZ, Shelley, DEITZ, Sallie. **Fundamentos de Estética 1: orientações e negócios**. 10 ed. São Paulo, 2011.
- DYSON Tim, MOORE Mick (1983). “**On Kinship Structure, Female Autonomy, and Demographic Behavior in India**”, *Population and Development Review*, vol. 9, nº 1. Março.
- FAIRBANK, John King (1986). **The Great Chinese Revolution, 1800–1985**. New York: Harper & Row. p. 70.
- HALL, Stuart. “**Cultural Identity and DIASPORA**”. IN: Rutherford, Jonathan (Ed.): *Identity: Community, Culture, Difference*. London: Lawrence & Wishart, 1990, pp. 222-237.
- IMAGENS DISPONÍVEIS EM:** <<http://www.livinghistory.photography/>>. Data: 21/09/2016
- JACKSON, B. 1997. **Splendid slippers**. Ten Speed Press, Berkeley.
- JAPIASSU, Hilton, MARCONDES Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- KO, Dorothy. 1994. **The body as attire: The shifting meanings of footbinding in seventeenth-century China**. *Journal of Women's History* Vol. 8(4). Paper presented at the Association for Asian Studies Annual Meeting, March 23-27 1994, Boston.
- _____. **Cinderella's sisters. A Revisionist History of foot-binding**. University of California Press, 2005.
- LINTON, Jeff Connor. **Cadernos de Tipografia** / Nr. 9 / Junho de 2008 / Página 22.
- LOCOH Thérèse e THIRIAT Marie-Paule, 1995. “**Divorce et remariage des femmes em Afrique de l'Ouest**. Le cas du Togo”, *Population*, vol. 50, nº 1, pp. 61-94.
- _____, 1996 a. “**Les facteurs de la formation de couples**”, in: *Démographie: analyse et synthèse. Causes et conséquences des évolutions démographiques*, pp. 49-88. Roma e Paris, CEPED/DSD, 407p. (Atas do seminário de Siena, 22-24 de abril, 1996; volume 2).
- OPPENHEIM MASON Karen, 1995. **Gender and Demographic Change: What do we Know?** Liège, IUSSP, 31p. _____, 1996. *Wive's Economic Decision-making*

Prower in the Family in Five Asian Countries, East-West Center Working Papers, Population Series, nº 86. Honolulu, EastWest Center.

Orie, Endo (1996) **Cyuugoku no Onnamoji**: Denshoo suru Cyuugoku-josei 中国の女
文 字—伝承する中国女性 [Chinese Women's Script: Transmitting Chinese Women]
Tokyo: Sanichi-shobo.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**, Belo Horizonte:
Autentica 2003.

SAID, Edward. **Culture and Imperialism**. New York: Knopf, 1992.

SEE, Lisa. **Snow Flower and the Secret Fan**. United States of America, Randon
House, 2005.

Victoria Pitts-Taylor, ed. (2008). **Encyclopedia Cultural do
Corpo**. Greenwood. p.203.

WOLF, Margary. **Mulheres chinesas**: antigos costumes em novos contextos. In:
Yan Ming & Fan Qi. **The Culture Mandala**, Vol. 3 no. 2, August 1999, pp21-28.

ANEXO





